



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

LARA DE OLIVEIRA BRITO

VIOLÊNCIA PANDÊMICA:
UM ESTUDO SOBRE AS NOTÍCIAS DE FEMINICÍDIO NO G1 PARAÍBA DURANTE A
COVID-19

JOÃO PESSOA

2022

LARA DE OLIVEIRA BRITO

VIOLÊNCIA PANDÊMICA:
UM ESTUDO SOBRE AS NOTÍCIAS DE FEMINICÍDIO NO G1 PARAÍBA DURANTE A
COVID-19

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Jornalismo.

Orientador: Prof^ª. Dra. Sandra Raquew dos Santos Azevêdo.

JOÃO PESSOA

2022

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B862v Brito, Lara de Oliveira.

Violência pandêmica: um estudo sobre as notícias de feminicídio no G1
Paraíba durante a COVID-19 / Lara de Oliveira Brito. - João Pessoa, 2022.
100 f. : il.

Orientação: Sandra Raquew dos Santos Azevêdo. Monografia
(Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Feminicídio - Cobertura jornalística - Pandemia. 3.
Mulher - Violência. 4. Cobertura jornalística - Violência contra a mulher. I.
Azevêdo, Sandra Raquew dos Santos. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): LARA DE OLIVEIRA BRITO

Título do trabalho: **VIOLÊNCIA PANDÊMICA: UM ESTUDO SOBRE AS NOTÍCIAS DE FEMINICÍDIO NO G1 PARAÍBA DURANTE A COVID-19**

Aprovado em 20 de junho de 2022, com média 10,0

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): SANDRA RAQUEW DOS SANTOS AZEVEDO
Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: Sandra Raquel dos Santos Azevedo

Professor(a) examinador(a): Glória de Lourdes Freire Rabay
Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: Glória Rabay

Professor(a) examinador(a): Laerte José Cerqueira da Silva

Instituição: Departamento de Jornalismo da TV Cabo Branco/Paraíba.

Assinatura: Laerte José Cerqueira da Silva

Para Antônia, Waleska e Mel,
as mulheres da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Waleska e à minha avó, Antônieta, por desde cedo me ensinarem a ter humildade e força para traçar meu próprio caminho. Agradeço também à minha irmã, Mel, que me ensinou a importância da irmandade e pois só com você entendi que nunca estaria sozinha. A vocês devo todo o motivo de lutar pelas minhas iguais, não me calar e gritar sempre que preciso.

Agradeço ao meu pai, Acácio, que sacrificou muito de si para que eu pudesse chegar até aqui; que me presenteou com muitos livros e me mostrou muita música boa. Você não tem ideia como eu sou grata.

À minha querida professora e orientadora, Sandra Raquew Azevêdo, por ter sempre me estendido a mão durante a graduação e formar, objetivamente, grande parte da jornalista que sou hoje. Agradeço pela paciência e empatia durante toda essa jornada. Você é uma inspiração!

À minha banca de avaliação que contribuiu de forma imensa para o aprimoramento deste trabalho, mas que não só isso, também foram professores de influência enorme durante minha graduação. Obrigada Glória Rabay e Laerte Cerqueira!

Agradeço à minha grande amiga Bia, que desde os 13 anos anda comigo do meu lado, nas minhas conquistas e decepções. Você foi meu primeiro amor e dado os longos anos dessa amizade, provavelmente será o último. Estou sempre segurando sua mão.

Aos meus amigos Thiago e Sofi, que nunca se abstiveram de me ouvir e sempre me ofereceram companhia e carinho. É reconfortante saber que não importa a situação, posso contar com vocês e além disso, é lindo como temos crescido juntos.

Agradeço às minhas queridas amigas e parceiras de luta Roberta, Layla e Júlia, por mostrarem como é possível o amor entre mulheres; por me receberem de braços tão abertos e sorrisos tão afetuosos.

Aqui se faz necessário algumas palavras de amor à minha companheira, namorada e grande paixão, Roberta, dona de uma gentileza e calma que me toca e me surpreende diariamente. Podem se passar 100 dias ou 10 horas, meu coração sempre salta quando vejo você chegando, igual quando eu te vi em 9 de agosto, lendo *As Meninas*. Essa caminhada tem sido transformadora. Amar-te é revolucionário.

Aos meus colegas de faculdade, de profissão e também de farra: Marcelo Vieira, Luana Almeida, Larissa Maia, Lucas Macieira, Danilo Queiroz, Juliana Lima e Maria Ricarte. Fico impressionada com o quanto crescemos e onde estamos chegando.

Aos meus queridos e eternos editores, Taiguara Rangel, Krystine Carneiro e Jhonathan Oliveira. Obrigada por cada vírgula trocada; por cada plantão e por cada sugestão de pauta. Agradeço por verem em potencial em mim e terem me dado a oportunidade de trabalho no g1 Paraíba e Jornal da Paraíba. Eu não seria um terço do que sou hoje se não tivesse aprendido tanto com vocês.

Agradeço a todos os outros colegas da Rede Paraíba de Comunicação, do g1 Paraíba, Jornal da Paraíba, Globo Esporte; dos jornais Bom Dia Paraíba, JPB1, JPB2, e da rádio CBN João Pessoa. Um abraço especial para dois amigos que fiz dentro da empresa, Luana Silva e Pedro Alves, que me mostraram tanta cumplicidade

Agradeço aos meus outros professores de jornalismo Fabiana Siqueira, Suely Maux, Patrícia Monteiro, Pedro Benevides, Carlos Azevedo, Marluce Pereira e Margarete Nepomuceno por tantos ensinamentos.

Ao meu mais fiel parceiro, confidente, companheiro, colega de apartamento, o primeiro amigo que fiz em João Pessoa e que está sempre me fazendo companhia, Beбето, também conhecido como o gato Beto; Betinho e Roberto Filho.

Agradeço também a todos os profissionais da educação do Brasil, do ensino fundamental à Universidade, por criarem o futuro do país e oferecer oportunidades de melhoria de vida, acesso e conhecimento de mundo através do ensino.

Eu não vim de uma realidade onde mulheres tinham muitas escolhas. Nas minhas raízes, no interior da Bahia, em uma cidade de pouco mais de 12 mil habitantes, fui ensinada que meu lugar era primeiramente ao lado de um marido, cuidando dos filhos e do lar. As mulheres que convivi durante minha formação tinham a exaustiva tripla jornada, porém o trabalho e o estudo nunca poderiam ficar na frente do que parecia ser o recinto fundamental da mulher: a casa.

Eu sou a primeira neta da minha avó, a primogênita de seis, a primeira mulher da minha família que não se casou jovem e que quase na metade dos meus vinte anos, ainda não tem filhos, muito menos constituiu uma família logo após ou durante a adolescência. Sou a primeira mulher do meu núcleo familiar que faz a migração para a capital a fim de buscar outras perspectivas de vida; a primeira que tem a oportunidade de trilhar caminhos fora da

vida doméstica; a primeira a colocar eu mesma e minhas vontades como prioridade; a primeira que não precisar abdicar de si mesma para sobreviver. Isso é um privilégio.

Esse trabalho não é só a conclusão de um curso, mas também a emancipação de muitas da minha família que estão por vir. Obrigada a todos que contribuíram para a realização desse sonho. Serei eternamente grata.

“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.”

Audre Lorde

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a produção jornalística sobre feminicídios durante a pandemia no portal g1 Paraíba. Para isto, foi realizado um Estudo de Caso com base em análise descritiva através da teoria da *agenda-setting*. Usando metodologia cruzada, coletei notícias sobre o tema feitas no período citado, registrando os termos mais usados, uso de fotos e fontes e assim, formei uma base de dados. Depois, utilizando os dados encontrados, fiz entrevistas e apliquei um formulário na equipe do g1 Paraíba, a fim de coletar as percepções acerca da construção da narrativa desses crimes a partir de quem as produz. Diante disso, concluí que, apesar dos jornalistas reconhecerem a problemática de gênero, a rotina de produção e a linha editorial que prezam acessos, alinhadas com dificuldades da pandemia, impediram que casos de feminicídios fossem tratados com uma reflexão acerca da misoginia e machismo que são as causas do problema.

Palavras-chave: jornalismo; feminicídio; violência; gênero; cobertura jornalística; pandemia.

ABSTRACT

This work reflects on the journalistic production about femicides on the website g1 Paraíba during the pandemic. For this purpose, a Case Study was conducted based on descriptive analysis through the *agenda-setting* theory. I collected the pieces on the subject during the period mentioned and thus registered the most commonly used terms, most used photos and sources to describe these crimes. Using the data found, I interviewed the g1 Paraíba team and applied a questionnaire, in order to see perceptions about these crimes from those who produced them. I concluded that the journalists do recognize the gender issue, but the production process and an editorial that values access and pageviews, aligned with the difficulties of the pandemic, prevented cases of femicides from being treated with a reflection on misogyny and sexism, the causes of the problem.

Keywords: journalism; femicide; violence; gender; news coverage; pandemic.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados encontrados para o termo <i>Mulher morta</i>	33
Tabela 2: Resultados encontrados para o termo <i>Mulher morre</i>	33
Tabela 3: Resultados encontrados para o termo <i>Feminicídio</i>	34
Tabela 4: Resultados encontrados para o termo <i>Assassinada</i>	35
Tabela 5: Resultados encontrados para o termo <i>Jovem é morta</i>	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência na apuração de feminicídios no portal G1 Paraíba...	37
Gráfico 2 – Frequência na apuração do mesmo caso de feminicídio no portal G1 Paraíba...	39
Gráfico 3 – Frequência na produção de monitoramento de casos e dados sobre feminicídios no portal g1 Paraíba...	39
Gráfico 4 – Fontes mais ouvidas em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba...	40
Gráfico 5 – Termos mais usados em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba para descrever a vítima...	41
Gráfico 6 – Fotos mais usadas em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba...	41
Gráfico 7 – Orientações sobre disponibilizar formas que mulheres podem buscar ajuda e denunciar crimes em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba...	43
Gráfico 8 – Motivos pelos quais jornalistas quase não colocam formas que mulheres podem buscar ajuda e denunciar crimes em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba...	43
Gráfico 9 – Dificuldades na apuração de feminicídios durante a pandemia...	45
Gráfico 10 – Apurar notícias de feminicídio afeta pessoalmente os jornalistas...	45
Gráfico 11 – Sugestões de melhorias para as matérias sobre feminicídios no g1 Paraíba...	47

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Apurar notícias de feminicídio afeta jornalistas do g1 Paraíba pessoalmente.....	46
Imagem 2 – Apurar notícias de feminicídio afeta jornalistas do g1 Paraíba pessoalmente, parte 2... ..	47
Imagem 3 – Opiniões específicas sobre a apuração de feminicídio dentro do g1 PB.	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: Feminicídio enquanto violência de gênero e seu agravamento na pandemia	17
1.1 Feminicídio enquanto violência de gênero.....	17
1.2 A pandemia e o agravamento dessas violências... ..	20
CAPÍTULO 2: O poder do jornalismo e a discussão pública acerca do feminicídio	23
2.1 O g1 paraíba e a influência do jornalismo online.....	23
2.2 Agenda-setting e a construção de uma discussão pública... ..	25
2.3 A construção da discussão pública acerca do feminicídio.....	27
CAPÍTULO 3: Cobertura de feminicídios na pandemia: atributos e percepções.....	30
3.1 Procedimentos metodológicos.....	30
3.2 As notícias... ..	31
3.2.1 Mulher morta... ..	32
3.2.2 Mulher morre.....	33
3.2.3 Feminicídio.....	34
3.2.4 Assassinada... ..	34
3.2.5 Jovem é morta.....	35
3.3 O que percebem jornalistas sobre a cobertura.....	36
3.4 Rotinas de produção e a “receita do bolo”	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	62

INTRODUÇÃO

Pâmela do Nascimento era uma jovem de 27 anos, moradora da cidade de Poço Moura, no interior da Paraíba. Mãe de três filhos e grávida de três meses. Ela morava com seu marido, Hélio, há cerca de dois anos, mas eles já tinham um relacionamento antes disso. Segundo a família, a jovem era uma pessoa que todos gostavam. Ela mantinha contato direto com sua irmã, Bruna, que disse em depoimento ao g1 Paraíba que uma das marcas de Pâmela era a alegria.

No dia 7 de setembro, Pâmela foi espancada e morta dentro de sua casa. Ela deu entrada no posto de saúde da cidade, já desacordada. É seu companheiro, Hélio, que a leva até a unidade de saúde. No posto, ele é informado por um funcionário que não é possível socorrer Pâmela ali e que ele precisaria acionar o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) para este tipo de atendimento.

Ao chegar ao serviço, Hélio informa aos médicos do Samu que a esposa teve um desmaio e quando caiu, feriu o tornozelo. Pâmela foi então encaminhada para o hospital de uma cidade próxima, em São José do Rio do Peixe. Entretanto, antes de dar entrada no hospital, ela sofre uma parada cardiorrespiratória e morre dentro da ambulância. Segundo a Polícia Civil da Paraíba, seu marido é o principal suspeito de ser seu assassino.

Conforme investigações da Polícia Civil, Hélio contou uma versão equivocada no depoimento. Ele afirmou que Pâmela tinha passado mal e estava com dores de cabeça. Ele não foi preso no dia porque a polícia não tinha conhecimento das agressões anteriores de Hélio contra Pâmela. No dia do crime, as lesões da vítima não eram aparentes e a única pessoa que esteve com a vítima no momento do crime era Hélio.

O homem foi liberado após depoimento e em 8 de setembro, no dia seguinte ao crime, já havia fugido. De acordo com um laudo do Instituto Médico Legal (IML), Pâmela sofreu pancadas no abdômen, que resultaram em uma hemorragia interna e duas costelas fraturadas.

O delegado Glauber Fonte definiu o suspeito como um homem possessivo e ciumento. Segundo a irmã da vítima, Pâmela não contava das agressões e atitudes violentas para a família.

O caso de Pâmela é um caso típico de feminicídio. De acordo com a Lei 13.104/2015, o crime é um homicídio contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, que são quando o ato envolve violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à

condição de mulher. O caso chamou a atenção da população, que realizou protestos em praça pública de Poço Moura e culminou com a formação do Mulheres à Bessa – um coletivo de mulheres que lutam contra a violência doméstica sofrida por mulheres¹.

O feminicídio de Pâmela aconteceu durante a pandemia de Covid-19, quando um aumento expressivo de crimes de feminicídio foi observado na Paraíba, especialmente durante o primeiro semestre de 2020², quando as medidas de isolamento social eram mais rígidas³. De acordo com Lobo (2020), este aumento acontece justamente porque as vítimas encontram-se confinadas com seus agressores.

Segundo Molotch e Lester (1974 apud TRAQUINA, 2008, p.16), o jornalismo não tem somente poder na sua projeção social dos tópicos, mas também tem a influência de enquadrar e inserir assuntos e temas na discussão pública. Por isso, noticiar crimes de feminicídio pode ajudar a população a ter conhecimento sobre a prática, suas origens e consequências e assim, entender a legislação para buscar seus direitos – como fizeram as mulheres do coletivo Mulheres à Bessa.

Por isso, para que se entenda o papel dos veículos de comunicação no enfrentamento a esses tipos de violência de gênero, é importante que indagamos: Como se dá a cobertura do crime de feminicídio na Paraíba? Quais são seus enquadramentos no jornalismo online? Quais são suas angulações durante a pandemia? Como a Covid-19 afetou a cobertura jornalística da violência de gênero?

É necessário analisar a cobertura jornalística acerca dessas violências para entender de que forma elas chegam ao público, o que influencia sua cobertura – especialmente durante uma pandemia global –, como a discussão pública acerca desses crimes são construídas a partir da agenda midiática e assim orientar práticas de cobertura jornalísticas voltadas à erradicação da violência contra mulheres.

¹ ALVES, Cida. **População realizou protesto pedindo justiça para Pâmela Bessa, neste domingo (20)**. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefatopb.com.br/2020/09/21/populacao-realizou-protesto-pedindo-justica-para-pamela-bessa-neste-domingo-20>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

² Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública homicídios dolosos com vítimas do sexo feminino cresceram cerca de em 35,3% no primeiro semestre de 2020 na Paraíba, em comparação com o mesmo período em 2019.

³ PB, G1. **Governo da Paraíba estabelece decreto de calamidade pública por 180 dias**. G1 Paraíba. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/21/decreto-de-calamidade-publica-e-prorrogado-por-mais-180-dias-na-paraiba.ghtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

CAPÍTULO 1:

Feminicídio enquanto violência de gênero e seu agravamento na pandemia

Para discorrer e analisar como o g1 Paraíba retratou feminicídios durante o primeiro ano da pandemia, precisamos antes refletir sobre algumas questões de gênero e jornalismo. Por isso, vamos discutir brevemente sobre o que é um feminicídio para assim, posteriormente no **CAPÍTULO 2**, refletir sobre a hipótese *agenda-setting* e como ela problematiza a influência do jornalismo na sociedade.

1.1 Feminicídio enquanto violência de gênero

Cunhado por Diana Russel, em 1976, o termo feminicídio definiu o assassinato de mulheres como “a morte de mulheres por homens pelo fato de serem mulheres como uma alternativa feminista ao termo homicídio que invisibiliza aquele crime letal” (RUSSEL, 1993, p.105 apud CAMPOS, 2015). Dar um nome à prática foi um passo importante na história da luta feminista e de combate à violência de gênero, já que se opõe à neutralidade do termo homicídio.

Pasinato (2011) descreve esse tipo de violência como um crime cometido por homens contra mulheres: é universal e estrutural, com características misóginas, de repulsa contra as mulheres, e fundamentada na dominação patriarcal que caracteriza sociedades ocidentais.

Dentro dessa perspectiva, Meneghel e Portella (2017, p.2) conceitualizam o feminicídio como uma etapa final de uma violência contínua contra a mulher vítima do assassinato. Segundo as autoras, a causa desses crimes se deve ao desejo de posse das mulheres e muitas vezes antecedem outros tipos de violência como agressões de caráter físico, psicológico, sexual e patrimonial, que vem a culminar em feminicídio. Também em grande parte dos casos, essas agressões e o próprio feminicídio têm como autores homens íntimos das vítimas, como parceiros, amigos, conhecidos ou familiares.

Por isto, Meneghel e Portella (2017, p. 2) afirmam que essas mortes seriam “anunciadas” e evitáveis, sendo então o assassinato de mulheres cometido por homens a manifestação mais grave da violência contra a mulher, que está estritamente ligada à condição feminina – o fator de risco mais letal nesses casos – e a negligência do Estado.

Na década de 80 temos o que pode ser considerado um avanço no combate à violência contra a mulher. A *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher* é aprovada pelas Nações Unidas em 1979 e se torna o primeiro tratado internacional que dispõe amplamente sobre os direitos humanos da mulher⁴.

No documento é proposto duas frentes de ação: promover os direitos da mulher na busca da igualdade de gênero e reprimir quaisquer discriminações contra a mulher nos Estados que participaram do tratado. Ela garante essa igualdade por instrumentos legais vigentes, estipulando medidas para o alcance da igualdade entre homens e mulheres. Para isso, a Convenção define a discriminação contra a mulher como:

Para os fins da presente Convenção, a expressão “discriminação contra a mulher” significará toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher independentemente de seu estado civil com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos: político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo. (FEDERAL, Senado, 1979).

A Convenção Interamericana foi aprovada pela Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos, em 9 de junho de 1994, e ratificada pelo Brasil em 27 de novembro de 1995 e conforme Brito Filho (2017) tal igualdade – garantida por documentos internacionais de tutela dos direitos humanos – tem sido posta apenas na formalidade. Na prática, ainda é difícil superar a construção histórica que se deu com a exclusão da mulher e o reforço de ideologias machistas para se chegar na equidade prática entre os sexos.

No Brasil, a violência contra a mulher é uma realidade desafiadora, independente de classes sociais, raça ou localização geográfica (Oliveira e Castillo-Martín, 2005, p. 234). Conforme o estudo *Feminicídio #InvisibilidadeMata* (2017) do Instituto Patrícia Galvão, vivemos no quinto país com maior taxa de mortes violentas de mulheres no mundo:

Assassinadas por parceiros ou ex, por familiares, por desconhecidos; estupradas, esganadas, espancadas, mutiladas, negligenciadas, violadas por instituições públicas, invisibilizadas: mulheres morrem barbaramente todos os dias no Brasil. Mortes anunciadas continuam acontecendo, mas esses feminicídios ainda não se tornaram uma realidade intolerável para o Estado e para grande parte da sociedade que, por ação ou omissão, são cúmplices da perpetuação de agressões que culminam em mortes evitáveis de mulheres (PRADO, Débora. Instituto Patrícia Galvão, 2017).

⁴ FEDERAL, Senado. Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher. 1979.

No ponto de vista de enfrentamento prático à essas violências, é a partir dos anos 1990 que aconteceram grandes avanços para o combate à desigualdade no país. A partir de 1994, o Código Penal passa a mencionar que a qualidade de marido ou companheiro da vítima constitui uma circunstância agravante “dos atentados voluntários à integridade da pessoa”. Em 2000, é sancionada a lei relativa ao igual acesso das mulheres e dos homens aos mandatos eleitorais e cargos eletivos. Já em 2001, é conquistada em São Paulo a Lei nº 10.948/2001, contra a discriminação de gênero e que visa igualmente a discriminação no meio profissional (Oliveira e Castillo-Martín, 2005, p. 189).

Neste sentido, dois grandes marcos acontecem na legislação brasileira: a Lei nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, nomeada em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes; e a Lei nº 13.104, onde ficou previsto a qualificadora do crime de homicídio, o feminicídio – que acontece contra a mulher por razões da condição de sexo feminino.

Apesar das leis, elas não foram o suficiente para que as taxas do país deixassem de ser alarmantes. Conforme o *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil* (Waiselfisz, 2015, p.13), quando se analisa o período de vigência da Lei Maria da Penha é visto um aumento decenal: 18,4% nos números e 12,5% nas taxas, entre 2006 e 2013.

Em 2007, um ano depois de aprovada a legislação, observa-se uma queda nas taxas, de 4,2 homicídios para 3,9 a cada 100 mil mulheres. Porém, a violência voltou a crescer a partir de 2008 e a partir de 2010, esse crescimento é expressivo (Waiselfisz, 2015, p.13).

Ainda segundo Waiselfisz (2015), em 2013 o Brasil atingiu uma taxa média de 4,8 homicídios a cada 100 mil mulheres, ocupando a 5ª posição num grupo de 83 países com dados homogêneos fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse número é 2,4 vezes maior que a taxa média vista analisada no estudo da OMS, que é de 2 assassinatos a cada 100 mil. Para a autora, esse dados são alarmantes:

Efetivamente, só El Salvador, Colômbia, Guatemala (três países latino-americanos) e a Federação Russa evidenciam taxas superiores às do Brasil. Mas as taxas do Brasil são muito superiores às de vários países tidos como civilizados: 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido; 24 vezes mais homicídios femininos que Irlanda ou Dinamarca; 16 vezes mais homicídios femininos que Japão ou Escócia. Esse é um claro indicador que os índices do País são excessivamente elevados. (Waiselfisz, 2015, p. 27).

De acordo com Brito Filho (2017, p. 192), a categoria gênero sedimentou o entendimento das violências para além do campo jurídico e permitiu interpretar a prática das violações como uma dinâmica de poder que está pautada na opressão de mulheres em relação aos homens, com raízes na noção de inferioridade e subordinação do sexo feminino.

Por isso, fica evidente a dificuldade do seu enfrentamento, visto que a violência contra as mulheres faz parte da nossa cultura e é estrutural.

Estatisticamente, é evidenciado que apesar de muitas mudanças e avanços – principalmente no plano de políticas públicas – a violência contra a mulher no Brasil em razão do gênero e sexo feminino está longe de ser um problema superado. Ademais, a misoginia e machismo estrutural no país encontrou nos últimos tempos um agravante: a pandemia.

1.2 A pandemia e o agravamento dessas violências

De acordo com o último Atlas da Violência, divulgado em 2020 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁵, a cada 6h23, uma mulher é morta dentro de casa no Brasil.

Durante as fases mais restritivas da pandemia em todo o país, nos meses de março e abril deste ano, foi visto um crescimento de 22,2% em casos de feminicídio, quando comparado ao mesmo período de 2019, em pelo menos 12 estados do país, conforme a nota técnica *Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19* do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)⁶.

Não diferente disso, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020) também observou um crescimento deste dado nacionalmente: nos homicídios dolosos, as vítimas do sexo feminino foram de 1.834 para 1.861, um crescimento de 1,5% entre 2019 e 2020. Já as vítimas de feminicídio foram de 636 para 648, aumento de 1,9%.

Este aumento nos crimes de feminicídio foi especialmente observado na Paraíba durante a fase mais rígida do isolamento social na pandemia, no primeiro semestre de 2020. No Estado, cerca de 32,6% dos assassinatos de mulheres no primeiro semestre de 2020 foram

⁵ CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; BUENO, Samira. Atlas da violência 2020. In: **Atlas da violência 2020**. 2020. p. 91-91.

⁶ **Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.

Disponível em:

<<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>> Acesso em: 2 dec.2020.

casos de feminicídio, conforme o Monitor da Violência do g1 Paraíba⁷. Já de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, homicídios dolosos com vítimas do sexo feminino aumentaram em 35,3% no primeiro semestre de 2020, em comparação com o mesmo período em 2019, subindo de 34 para 46⁸.

Na Paraíba, medidas de isolamento social mais rígidas foram tomadas especialmente durante o primeiro semestre de 2020, para conter a pandemia da Covid-19. Essas restrições implementadas trouxeram dificuldades para que as vítimas conseguissem efetuar o registro de casos de violência doméstica:

Para além das dificuldades de restrição de deslocamento, em tempos de pandemia, para que as vítimas consigam efetuar o registro de casos de violência doméstica (em razão do desconhecimento sobre o funcionamento das delegacias em tempos de pandemia, a incerteza sobre a efetividade das medidas, a dificuldade de acessar recursos que viabilizem a comunicação e, claro, o medo), parece haver um descompasso entre as instâncias legais disponíveis e a compreensão de dores que não são facilmente expressáveis, são silenciosas. (LOBO, 2020, p. 22).

Apesar disso, Lobo (2020, p.23) afirma que este aumento não pode ser associado à doença e sim a uma estrutura de poder da sociedade sob a qual os mecanismos dessas violência são invisíveis e corriqueiros – refletindo e agravando opressões como raça, classe e gênero.

São dados alarmantes que apontam que crimes de feminicídio, apesar de serem crimes hediondos e ter legislação própria, ainda são expressivos na sociedade e se agravaram justamente durante a pandemia da Covid-19, quando muitas vítimas foram forçadas a conviverem de forma mais intensa e íntima com seus agressores.

Phumzile Mlambo-Ngcuka (2020), vice-secretária geral da ONU e diretora executiva da ONU Mulheres, alertou em abril do mesmo ano que neste período também estava crescendo uma pandemia invisível, a da violência contra as mulheres:

O confinamento está promovendo tensão e tem criado pressão pelas preocupações com segurança, saúde e dinheiro. E está aumentando o isolamento das mulheres com parceiros violentos, separando-as das pessoas e dos recursos que podem melhor ajudá-las. É uma tempestade perfeita para controlar o comportamento violento a

⁷ FECHINE, Dani. **Feminicídios são mais de 32% dos assassinatos de mulheres no 1º semestre de 2020, na PB**. G1 Paraíba, 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/12/feminicidios-sao-mais-de-32percent-dos-assassinatos-de-mulheres-no-1o-semester-de-2020-na-pb.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020

⁸ Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**. 2020 Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020

portas fechadas. E, paralelamente, à medida que os sistemas de saúde estão chegando ao ponto de ruptura, os abrigos de violência doméstica também estão atingindo a capacidade, o déficit de serviços tem piorado quando os centros são reaproveitados para serem usados como resposta adicional à Covid. (Phumzile Mlambo-Ngcuka, 2020).

É expressiva a cobertura de crimes contra a mulher na mídia, porém, é comum que esses casos sejam abordados nos meios de comunicação com foco apenas no caso que está sendo divulgado. A abordagem geralmente valoriza mais a repercussão da notícia e a moralidade em volta dela, do que o respeito, o cumprimento da legislação e sobretudo, a garantia dos direitos humanos dessas vítimas. Isso causa uma noção de fatalidade – um crime isolado e não inserido em um quadro geral de violência contra mulheres causadas por opressão de gênero (VIANNA, 2010, p. 1).

No que diz respeito a pandemia, conforme Ferreira e Neves (2020, p.49), ainda é incipiente evidências estatísticas sobre a correlação do aumento desse tipo de violência e o isolamento, mas matérias jornalísticas, relatórios e casos notificados ajudam a compreender o aumento considerável desse tipo de conformidade.

Dessa forma, a cobertura de crimes de feminicídio se torna não só imprescindível para um registro histórico e social, mas delicada, uma vez que é preciso não só considerar esses casos como um problema de gênero, mas levar em conta a Covid-19 como um agravante. Não só isso, refletir sobre como essa cobertura se deu durante o período nos permite identificar como o jornalismo se molda durante uma crise mundial, particularmente no que tange o tema da violência contra a mulher.

CAPÍTULO 2:

O poder do jornalismo e a discussão pública acerca do feminicídio

2.1 O g1 Paraíba e a influência do webjornalismo

Na década de 1990 a sociedade assistiu a chegada de uma das invenções que mais mudou nossa rotina e nossa maneira de se relacionar: a internet. A partir do século 20, o desenvolvimento dessa rede se tornou ainda mais palpável com a chegada da Web, que oferece uma plataforma de versatilidade intangível, dado a possibilidade de integração de vários formatos textuais. Com isto, o acesso a meios de comunicação passa a ser facilitado e com a ascensão de plataformas multimídia, a distância entre público e informação encurtou e passou a ser efetivada com mais eficiência (Salaverría, 2014, p. 32).

Segundo Guareschi (2007, p.8), as sociedades modernas são marcadas pela onipresença da mídia e a história da imprensa sempre esteve ligada a lutas em prol da democracia e liberdade de expressão. Formando o que se chama de quarto poder, a mídia tem uma forte conexão com a política justamente por ter a capacidade de influenciar opiniões e até lutar contra padrões sociais e políticos vigentes. Ele explica:

Democracia implica a soberania popular e a distribuição eqüitativa dos poderes. Os meios de comunicação fazem parte desses poderes. Para que haja democracia numa sociedade, é necessário que haja democracia também no exercício do poder de comunicar. (GUARESCHI, 2007, p.12).

A partir da inclusão proporcionada pela Web, a democratização de informações começou a ser consumada com mais rapidez e com a ascensão de instrumentos móveis, isso só se tornou ainda mais concreto. O mundo passou a ser mais integrado com a internet e o jornalismo encontrou na Web um meio de fácil propagação e popularidade, podendo ser acessado de qualquer lugar do mundo.

Dentro desse meio, surgiram os portais locais que, por sua relação direta com a comunidade, permitem uma proximidade com o leitor, que se torna cada vez mais fiel ao conteúdo.

O g1 Paraíba é um portal de notícias que disponibiliza conteúdo jornalístico diariamente sobre a Paraíba. Foi fundado em 2008 como Paraíba 1 e faz parte da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo na Paraíba. Em 2011, o portal passou a integrar a rede G1 e em 2021, completou 10 anos de existência⁹. O site pertence ao Grupo Globo e é mantido através da Central Globo de Jornalismo.

O grupo se afirma como apartidário e laico, sendo que seus veículos devem se esforçar para assim serem percebidos. Para o Grupo Globo, jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produzem um conhecimento sobre fatos e pessoas. Este conhecimento tem como propósito informar.

O Grupo ressalta também que repudia todas as formas de preconceito e é independente de governos, afirmando a defesa da democracia, das liberdades individuais, da livre iniciativa, dos direitos humanos, da república, do avanço da ciência e da preservação da natureza¹⁰.

Adghirni e Ribeiro (2001) afirmam que esses portais locais ascendem através proximidade e ligação direta com o público, pois essa nova forma de mídia privilegia o local, não o global.

Não obstante, esse tipo de jornalismo se apresenta agora como uma tendência, tornando-se inclusive uma extensão das mídias tradicionais, neste caso, da Rede Globo, sendo os portais g1 e suas afiliadas em cada estado¹¹, um ótimo exemplo disso:

Concretizados tanto através das operações digitais dos grupos de comunicação tradicionais, quanto por iniciativas de empresas de negócios e de internet e, ainda, como resultado da fusão de empresas de perfis diversificados, os portais regionais são um dos segmentos para a aplicação do conceito de informação de proximidade. (BARBOSA, 2002, p. 11 apud ADGHIRNI, 2002).

Apesar dessa proximidade com o público e o alcance ainda mais amplificado, o jornalismo não deixou de ser um objeto midiático, lucrativo e restrito a interesses empresariais e políticos, principalmente agora, onde o webjornalismo é cada vez mais popular.

⁹ ALMEIDA, Diogo. **G1 Paraíba 10 anos: veja quais foram as matérias mais lidas do portal em uma década**. 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/08/26/g1-paraiba-10-anos-veja-quais-foram-as-materias-mais-lidas-do-portal-em-uma-decada.ghtml>>

¹⁰ **Princípios editoriais do Grupo Globo**. Grupo Globo. Disponível em:

<<https://grupoglobo.globo.com/principios-editoriais/>>

¹¹ CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/G1>>.

Bradshaw (2014, p. 134) contextualiza que para que a qualidade do jornalismo seja mantida na Web, é preciso pautar o equilíbrio entre a velocidade e a profundidade nas publicações. Segundo ele, a velocidade nunca foi uma novidade na área, porém dada a instantaneidade da rede onde notícias online são inseridas, o autor vai mais além e afirma ainda que não precisamos refletir apenas sobre a velocidade, mas sim sobre a *imediaticidade*. Ele explica que a captação de notícias, a produção e distribuição agora ocorrem simultaneamente e não só isso, com um celular na mão, todos podem registrar e publicar nas redes sociais o que está acontecendo: o usuário pode ultrapassar o jornalista, se tornando testemunha do fato.

Por isso, o consumo do jornalismo também muda e o ciclo de vida de uma notícia se torna mais célere, criando em jornalistas uma pressão para simplificar o processo editorial e as etapas que a matéria precisa passar até a sua publicação:

Portanto, na medida em que estas mudanças ocorrem, a instantaneidade do chamado web publishing (publicação na Web) traz consigo novas oportunidades para os publishers (emissoras e editoras) em contextos completamente novos. Trata-se de uma instantaneidade em publicar, mas também em consumir, e, sobretudo, em distribuir. (Bradshaw, 2014, p. 112).

Dessa forma, Bradshaw (2014, p.116) conclui que a *imediaticidade* do webjornalismo pode até trazer tráfego, mas se os usuários não se mantêm conectados com o produto oferecido, eles não irão continuar consumindo. Segundo ele, o sucesso do webjornalismo depende da qualidade dos conteúdos, por isso é essencial que a velocidade seja complementada com a profundidade no texto, apuração e conteúdo.

Considerando essas questões, vemos que analisar o jornalismo dentro deste tipo de mídia, principalmente em veículos locais e levando em consideração características da Web são de suma importância para entendermos não só sobre o que a população se informa, mas também sobre quais tipos de assuntos são transmitidos, o que e como se discute a partir disso.

2.2 Agenda-setting e a construção de uma discussão pública

Guy Debord (1967) logo cedo já contextualizava, não só a influência da mídia, mas também a ascensão do espetacular como produto de uma sociedade de consumo moderna com

valor de entretenimento. Segundo o teórico, a espetacularização é o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele diz em *Sociedade do Espetáculo*:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo. [...] O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. 2003, p. 15)

A mídia dentro da montagem do lucro e o jornalismo como seu produto, visando o espetacular para atingir seus ganhos, gera a tendência de criação de conteúdo para atender apenas demandas de audiência. Dentro desse contexto, a observação e análise da cobertura jornalística é uma forma de acessar facilmente contextos sociais e políticos que constroem narrativas e ideologias vigentes.

Traquina (2008, p.33) localiza o jornalismo nas sociedades democráticas em dois pólos, o econômico e o ideológico – visto que enquanto notícias se caracterizam como uma prestação de serviço público, elas também são um negócio pautado em interesses comerciais das empresas de mídia. Dessa forma, pontua que quando o jornalismo prioriza o comercial, ele não se intenciona de fato ao que o leitor realmente precisa saber. Assim, surge a necessidade de refletirmos sobre a relação do interesse público e a responsabilidade social do jornalismo.

Contextualizada principalmente a partir de um estudo realizado por McCombs e Shaw (1972), a teoria do *agenda-setting* fala sobre a relação de assuntos discutidos na mídia e a projeção desses temas na agenda pública, mostrando o grau em que a mídia determina a opinião pública.

Em seu estudo, McCombs e Shaw (1972) investigaram as campanhas presidenciais, avaliando o que os eleitores julgavam ser questões importantes e os conteúdos veiculados na mídia durante a campanha eleitoral. Dessa forma, perceberam que o que os leitores consideravam temas importantes a serem abordados nas campanhas presidenciais eram justamente assuntos noticiados com frequência nos meios de comunicação de massa.

Sua pesquisa mostrou que a população passa a considerar uma questão importante o que a mídia local relata como uma questão importante, a partir da visibilidade e debate do tema em veículos midiáticos.

Sobre a hipótese da *agenda-setting*, Hohlfeldt, França e Martino (2001) explica que os meios de comunicação não são capazes de impor o que pensar, mas podem, a longo e médio prazo, influenciar sobre o que pensar acerca de assunto. Portanto, a partir da escolha da mídia do que falar e o que veicular, a população determina sobre quais assuntos se preocupar – temas que muitas vezes nem estariam no conhecimento popular.

Deste modo, a *agenda-setting* pode ser usada para refletir sobre como a abordagem de certos temas na mídia podem ter influências no público e assim, analisar os efeitos dessa influência. A teoria se aplica especialmente no texto deste trabalho, já que, dada a popularidade do webjornalismo, podemos analisar a cobertura, a qualificadora, a tipologia, enquadramentos e atributos de notícias de feminicídio durante a pandemia veiculadas no g1 Paraíba para inferir sobre que tipo de discussão pública online o portal está construindo acerca desse tema.

2.3 A construção da discussão pública acerca do feminicídio

Como dito anteriormente, o feminicídio passou a ser reconhecido como um problema, devidamente nomeado e denunciado, no final dos anos 70 por Diana Russel – um passo importante de reconhecimento da expressão letal que se dá a violência de gênero.

Apesar disso, foi apenas no final dos anos 1990 que mulheres tiveram conquistas no plano da igualdade de oportunidades para a educação, mercado de trabalho e atuação política, conforme Oliveira e Castillo-Martín (2005, p. 188). Foi também neste período que a violência conjugal, onde o feminicídio na sua grande maioria das vezes se encaixa, passou a ser legalmente punida com a Lei Maria da Penha.

É neste contexto que o jornalismo também intensifica o debate sobre violência contra a mulher em virtude da institucionalização de muitos grupos de mulheres e sua maior presença na mídia. Considerando o papel formativo e central que as mídias possuem na sociedade (Thompson, 1998, p.12), é na década de 1990 que se amplia no Brasil debates sobre mulheres e questões de gênero na mídia (Oliveira, Melo, Libardoni, 1997, p.5).

Segundo Azevedo e García (2011), neste período, diretrizes acerca da preservação e manutenção dos direitos humanos de mulheres, como a *Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994)*¹², passam a ser incorporadas por setores públicos e isso atinge o jornalismo – de forma que mortes de mulheres que antes apenas integravam o caderno policial passam a ter um cunho mais político fruto de um processo de mobilização social com o objetivo de dar visibilidade ao fenômeno da violência contra a mulher:

As violências doméstica e sexual consideradas temas tabus passam a fazer parte das agendas pública e jornalística. Neste sentido a presença destas pautas se tornou mais constante em matérias de TV, jornal, revistas, rádio, na teledramaturgia, do jornalismo especializado, entre outros. (AZEVEDO, Sandra Raquew; GARCÍA, Loreley Gomes, 2011.)

Apesar desse avanço, alguns desafios ainda permeiam a discussão pública acerca do tema. De acordo com o relatório *Imprensa e Direito das Mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual* (2019) do Instituto Patrícia Galvão, a cobertura de femicídios no Brasil ainda é majoritariamente factual, individualizada e com abordagem policial. Além disso, o monitoramento nacional encontrou práticas que, inclusive, entram em conflito com o Código de Ética profissional:

Os direitos de personalidade e memória das vítimas foram frequentemente desrespeitados na cobertura. Na maioria das reportagens, o apagamento da história da vítima e superexposição da história do autor resulta em objetificação da mulher. (...) Da mesma forma, a desumanização do autor caracterizado como o “monstro” ou a construção narrativa de que a vítima de alguma forma “deu causa” ao crime contribuem para ocultar o feminicídio e as discriminações de gênero por meio de uma narrativa que se apega ao debate sobre as personagens envolvidas no caso específico ao invés de debater o contexto social no qual a violência se desenvolve. (ARAÚJO, Luciana; SANEMATSU, Marisa, 2019, p.20).

Essas dificuldades estão bastante presentes na cobertura de crimes contra a mulher na Paraíba também. Na sua pesquisa, Azevedo e García (2011) concluem que os jornalistas locais muitas vezes demonstram despreparo para discutir temáticas de maior complexidade social como a violência contra mulheres e desigualdades de gênero.

O tema ainda se apresenta como tabu nos veículos de imprensa e essas dificuldades para com o tema se apresentam por conta de exigências dos veículos de comunicação em termos de linha editorial, velocidade para publicação, impessoalidade, imparcialidade no texto

¹² GERAL, A. Assembléia. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher" Convenção de Belém do Pará"(1994). 1996.

para não influir na opinião do leitor sobre os respectivos homicídios, estrutura narrativa rígida, entre outros.

Dessa forma, considerando principalmente o aumento da violência contra a mulher nos últimos dois anos, ainda precisamos pautar a cobertura de feminicídios no estado, sobretudo neste momento histórico que vivemos, onde a violência contra a mulher encontrou como agravante a Covid-19 e o isolamento social.

CAPÍTULO 3:

Cobertura de feminicídios na pandemia: atributos e percepções

3.1 Procedimentos metodológicos

Considerando o poder de influência do webjornalismo local no qual o g1 Paraíba está inserido e o aumento do número de feminicídios durante 2020, para refletir sobre a cobertura desses crimes no portal durante os meses mais críticos da pandemia, usei a ferramenta de busca online Google para coletar materiais a serem analisadas. Por ser o modo de pesquisa mais popular atualmente e de mais fácil acesso ao público, imagino que, se qualquer outra pessoa tiver interesse em acessar esse tipo de notícias, essa ferramenta será a utilizada. Portanto, coloquei-me no lugar de um leitor comum, e fiz uso desta ferramenta.

As palavras chaves definidas por mim para a pesquisa foram termos que aprendi a usar na minha experiência enquanto webjornalista ao me referir a notícias sobre assassinatos de mulheres: *mulher é morta; mulher morre; feminicídio; assassinada e jovem é morta*.

Para objetivar esse trabalho, pesquisei os termos citados acima na plataforma e usando a ferramenta de pesquisa avançada para filtrar apenas os links do g1 Paraíba durante os meses de março a dezembro de 2020 – o período mais crítico da pandemia onde se viu o aumento nas taxas desses crimes. Selecionei os dez primeiros links que apareciam ao pesquisar cada termo, independente se a notícia era de fato um feminicídio ou não. Logo após, vou documentar os resultados da pesquisa, mas pretendo abordar mais profundamente apenas as notícias de feminicídio.

Após essa coleta feita através de palavras chaves, fiz uma base de dados com as notícias encontradas, contabilizando os termos usados para descrever o crime – feminicídio ou assassinato –; as fotos utilizadas; a omissão ou não do nome da vítima; a omissão ou não do nome do autor do crime, fontes ouvidas e assim, refleti sobre a noticiabilidade.

Com o suporte dessa base de dados criada, apliquei um formulário com questões abertas e fechadas através do *Google Forms* com os funcionários que compõem a redação do g1 Paraíba e que também atuaram na cobertura desses crimes durante a pandemia no portal. O formulário foi enviado para 25 pessoas e deste número, apenas 12 responderam. Dos que

responderam, sete eram mulheres e cinco eram homens. Seis deles atuavam no portal há mais de dois anos e seis tinham menos de dois anos na equipe. Além disso, fiz entrevistas junto à equipe do g1 Paraíba a fim de entender as percepções acerca dessas matérias a partir de quem as constrói.

O uso dessas metodologias - a composição da base de dados, a aplicação do formulário e as entrevistas - demonstram-se necessárias pois dessa forma é possível contrastar e entender os resultados encontrados na base de dados junto aos jornalistas. Ademais, as questões abertas e fechadas proporcionam uma maior possibilidade de abertura para quem as responde, já que fica a seu critério a forma de resposta.

A partir dessas respostas coletadas e das percepções vistas na base de dados criada, irei traçar uma análise do tipo de cobertura que o portal realizou nesse período, levando em consideração o uso da qualificadora feminicídio, e as fontes de informação presentes, bem como se as matérias direcionam leitores para rede de serviços de enfrentamento à violência contra mulheres e também tendo em mente as percepções dos jornalistas relatadas.

Este é portanto um Estudo de Caso com base em análise descritiva numa perspectiva *Agenda-setting*, visando refletir acerca dos enquadramentos do g1 Paraíba sobre feminicídios e como o enfoque e a visibilidade que o portal dá a estes casos pode contribuir – ou não – para a discussão pública acerca de notícias destes crimes, além de violências de gênero no geral.

3.2 As notícias

Como dito anteriormente, a pesquisa foi feita através dos seguintes termos-chaves: ***mulher é morta; mulher morre; feminicídio; assassinada e jovem é morta***. Foram ao todo coletadas 10 notícias para cada termo pesquisado, referentes as 10 primeiras matérias do g1 Paraíba que aparecem no navegador ao pesquisar cada termo.

É preciso ressaltar aqui que, apesar da pesquisa se referir à feminicídio, nem todas as matérias encontradas foram sobre feminicídios. Em alguns casos, algumas das notícias coincidem com outras coletadas já em relação ao termo anterior. Portanto, apesar de ser 10 notícias para cinco termos, foram levantadas 50 links, mas apenas 46 matérias diferentes. Também gostaria de enfatizar que apesar das buscas não estarem restringidas apenas à manchete, em todas as notícias os termos pesquisados estavam em algum da manchete e/ou lead.

Como pesquisei termos comumente usados em notícias de feminicídios, algumas das matérias selecionadas não se tratavam de um feminicídio ou crime de violência contra mulher, mas sim acidentes, assaltos ou mortes decorrentes da pandemia. Outras matérias não fica claro se foi feminicídio ou não: apesar de ter violência, falam de crimes envolvendo tráfico de drogas, roubo e dívidas, portanto, não se enquadrando necessariamente na violência de gênero explícita que é o foco deste trabalho.

Portanto, fiz um levantamento dos resultados encontrados em cada termo, restringindo-os apenas sobre as notícias que se tratam de um feminicídio. Abaixo discorro sobre os resultados encontrados. Uma tabela com todas as matérias coletadas está disponível no **Apêndice C** deste trabalho, logo após as conclusões finais.

3.2.1 Mulher morta

Quando pesquisado o termo ***mulher morta***, quatro de dez matérias encontradas se classificam como feminicídios. Das que são um feminicídio, todas as matérias se classificam como notícias. Dessas, três delas especificam o tipo de crime e na outra, não é tipificado o tipo de violação na matéria. Das matérias que especificam o crime, três classificam a violação como feminicídio.

No que cerne as fotos nas matérias, três tem imagens. Uma delas possui fotos das vítimas e duas matérias mostram viaturas ou delegacias (fotos policiais).

Sobre identificações, duas continham o nome da vítima e apenas uma delas continha o nome do suspeito do crime.

Todas elas falam sobre um crime violento e todas as matérias utilizam apenas fontes policiais, porém, apenas uma das matérias oferece recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulheres.

Tabela 1: Resultados encontrados para o termo *Mulher morta*

	Matérias com fotos	Fontes	Informações sobre como denunciar	Uso da qualificadora feminicídio	Identificação
Mulher morta	4 matérias possuem fotos.	10 matérias usam fontes policiais.	Uma das matérias fornece informações sobre como denunciar.	Duas matérias tipificam o crime como feminicídio.	2 contém o nome da vítima; 1 contém o nome do suspeito.

3.2.3 Mulher morre

Quando pesquisado o termo ***mulher morre***, duas de dez matérias encontradas falam sobre mortes de mulheres com violência, porém não fica claro se o crime se classificaria como feminicídio.

Todas as matérias se classificam como notícias e destas, nenhuma especifica o tipo de crime tão pouco possui fotos.

Sobre identificações, apenas uma continha o nome da vítima e nenhuma delas continha o nome do suspeito do crime.

Todas elas falam sobre um crime violento e todas as matérias utilizam apenas fontes policiais, porém nenhuma delas oferece recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulheres.

Tabela 2: Resultados encontrados para o termo *Mulher morre*

	Fotos	Fontes	Formas de denunciar	Uso da qualificadora	Identificação
Mulher morre	Nenhuma das matérias possui fotos.	Todas as matérias utilizam fontes policiais.	Nenhuma das matérias fornece informações sobre como denunciar.	Nenhuma das matérias tipifica o crime como feminicídio.	Uma contém o nome da vítima; nenhuma contém o nome do suspeito.

3.2.3 Femicídio

Quando pesquisado o termo *femicídio*, todas as dez matérias encontradas falam sobre feminicídios. Dessas, quatro se classificam como notícias e seis são reportagens; duas delas especificam o tipo de crime e na outra, não é tipificado o tipo de violação na matéria.

No que cerne as fotos nas matérias, sete possuem imagens, sendo quatro delas com fotos das vítimas; três delas artes e/ou gráficos; uma do local do crime e a outra, de um hospital.

Sobre identificações, apenas três matérias continham o nome da mulher que morreu e duas delas continham nomes de homens.

Nove das dez matérias encontradas, seis citam crimes violentos e as outras são levantamentos de feminicídios que, por natureza, são crimes violentos.

Cinco das matérias utilizam apenas fontes policiais; duas delas a fonte é a Secretaria de Estado de Segurança; uma delas utiliza dados do próprio g1 (Monitor da Violência como fonte) e uma delas escuta fontes policiais e parentes da mulher morta.

Todas as matérias especificam o crime como feminicídio, porém apenas duas oferecem recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulher.

Tabela 3: Resultados encontrados para o termo *Femicídio*

	Fotos	Fontes	Formas de denunciar	Uso da qualificadora	Identificação
Femicídio	Todas as matérias possuem fotos.	6 matérias utilizam fontes policiais.	Duas das matérias fornecem informações sobre como denunciar.	Todas as 10 matérias tipificam o crime como feminicídio.	3 contém o nome da vítima; duas delas continham nomes dos suspeitos.

3.2.4 Assassinada

Quando pesquisado o termo *assassinada*, oito de dez matérias encontradas se classificam como feminicídios. Das que são feminicídio, todas se classificam como notícias e dessas, apenas duas especificam o tipo de crime como feminicídio.

No que cerne as fotos nas matérias, sete possuem imagens, sendo quatro delas com fotos das vítimas; duas do local do crime e uma se trata de uma foto policial.

Sobre identificações, apenas três matérias continham o nome da mulher que morreu e duas delas continham nomes de homens suspeitos. Nove matérias utilizam apenas fontes policiais e uma delas escuta fontes policiais e da área da saúde.

As oito matérias falam sobre um crime violento e nenhuma das matérias oferece recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulher.

Tabela 4: Resultados encontrados para o termo *Assassinada*

	Fotos	Fontes	Formas de denunciar	Uso da qualificadora	Identificação
Assassinada	7 matérias possuem fotos.	Todas as matérias utilizam fontes policiais.	Nenhuma das matérias fornece informações sobre como denunciar.	2 matérias tipificam o crime como feminicídio.	3 matérias continham o nome da mulher que morreu e 2 continham nomes dos suspeitos.

3.2.5 Jovem é morta

Quando pesquisado o termo *jovem é morta*, oito de dez matérias encontradas falam sobre um feminicídio. Dessas, todas se classificam como notícias e apenas três especificam o tipo de crime e neste caso, todas as três citam feminicídio.

No que cerne as fotos nas matérias, cinco possuem imagens, sendo três delas com fotos das vítimas e duas delas mostram o local do crime.

Sobre identificações, cinco matérias continham o nome da mulher que morreu e três delas continham nomes de homens suspeitos.

Sete das matérias utilizam apenas fontes policiais e uma delas escuta fontes policiais e familiares da vítima.

Todas as matérias falam sobre um crime violento, porém nenhuma das matérias oferece recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulher.

Tabela 5: Resultados encontrados para o termo *Jovem é morta*

	Fotos	Fontes	Formas de denunciar	Uso da qualificadora	Identificação
Jovem é morta	5 matérias possuem fotos.	Todas as matérias utilizam fontes policiais.	Nenhuma das matérias fornece informações sobre como denunciar.	3 matérias tipificam o crime como feminicídio.	5 matérias continham o nome da mulher que morreu e 3 delas continham nomes dos suspeitos.

3.3 O que percebem jornalistas sobre a cobertura

Com base no levantamento sobre a qualificadora feminicídio nas notícias do g1 Paraíba, apliquei um formulário com questões abertas e fechadas junto a equipe do g1 Paraíba para entender as atribuições e percepções dos jornalistas acerca da construção dessas matérias.

O instrumento de coleta levou em conta perfil das pessoas, além de questionamentos sobre: a presença hegemônica de fontes policiais; sugestões para melhoria da cobertura sobre feminicídios no Portal g1 e de maneira a pandemia afetou a produção dessas notícias.

Após fazer esse levantamento através de formulário, entrevistei os atuais editores chefes do g1 Paraíba, Krystine Carneiro e Jhon Oliveira¹³, e a repórter Daniela Fechine, uma vez que esta última é responsável pelo Monitor da Violência, projeto de monitoramento mensal sobre feminicídios do g1, assim como a grande maioria dos casos de feminicídio chegam ao seu conhecimento. Essas entrevistas estão disponíveis no **Apêndice A e B**, respectivamente, no final deste trabalho.

A aplicação do formulário nos ajudou a levantar e organizar dados sobre a cobertura desse tipo de crime, e nos permitiu compreender melhor aspectos da construção da noticiabilidade e rotina jornalística, já que, enquanto essas matérias não foram o cargo chefe do portal no período citado, ainda compõe uma grande parte do g1 Paraíba e ademais, notícias sobre o tema são mais comuns que reportagens ou levantamentos:

¹³ Todos concederam depoimentos para este trabalho. A entrevista com Krystine Carneiro e Jhon Oliveira foi feita em conjunto, visto que ambos são editores, sem diferença de função. Já a entrevista com Daniela Fechine foi feita apenas com ela, dado que ela é repórter e portanto, possui atribuições diferentes das dos editores.

Você diria que qual o tipo de matéria que você apurou/apura ou revisou/revisa com mais frequência sobre feminicídio?

12 respostas

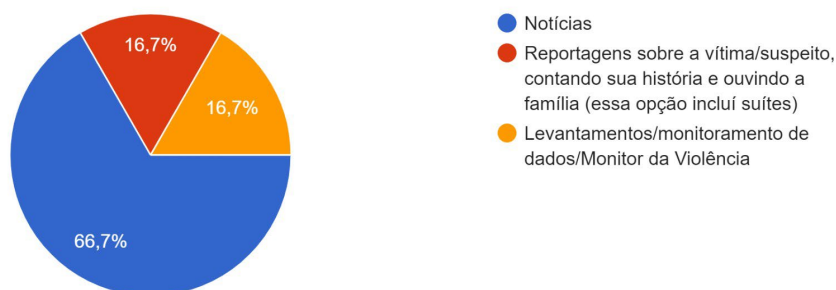


Gráfico 1: Frequência na apuração de feminicídios no portal g1 Paraíba.

Como leitora do portal, sempre me chamou atenção algumas características editoriais escolhidas pelo g1: em notícias de violência, principalmente de feminicídio, não é permitido ao leitor a opção de comentar na matéria. Essa interação, segundo Carneiro (2022), é barrada por recomendação da Pauta do g1 – uma espécie de editorial de todos os portais afiliados do g1 – e essa é a única orientação específica que eles têm em relação a notícias de feminicídio:

Porque a caixa de comentários do g1 é tóxico, né? O pessoal que comenta é com muita ofensa e tudo mais. E aí matérias de morte, não só feminicídio, mas de morte em geral, e depois ampliaram também pra questões de violência contra a mulher e tal eles preferem é... não colocar os comentários pra evitar aquele chorume né? De pessoas é... ofendendo a vítima e tudo mais. (informação verbal)¹⁴.

Além disso, quase mensalmente, é publicado no portal um segmento da série do g1 nacional, o Monitor da Violência, onde o portal investiga através de dados da Secretaria Estadual de Segurança os feminicídios registrados no estado no mês abordado. Conforme levantamento feito para este trabalho, acerca das afiliadas do g1, o portal da Paraíba é o único que faz o acompanhamento mensal desse tipo específico de crime – uma iniciativa da jornalista Daniela Fechine.

Durante entrevista feita para este trabalho, Fechine (informação verbal)¹⁵ afirmou que a ideia veio a partir do próprio Monitor da Violência da plataforma g1. O projeto é uma

¹⁴ Entrevista concedida por CARNEIRO, Krystine. Entrevista I. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

¹⁵ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, e divulga mensalmente dados de crimes violentos para as afiliadas do portal. Esses números podem ou não serem usados e aproveitados em matérias, a depender de decisões internas e editoriais de cada afiliada.

Fechine explica¹⁶ que ocasionalmente esses dados vinham com alguns tipos de crimes separados, como latrocínios e feminicídios, mas nem sempre. Muitas vezes os números de homicídios chegavam sem considerar a tipificação de feminicídio. Contabilizar os feminicídios da Paraíba através do monitor foi uma iniciativa que surgiu a partir dessa falta de constância dos dados de feminicídios apresentados pelo núcleo de dados do g1. Por isso, ela decidiu fazer por conta própria. As matérias do g1 Paraíba do Monitor da Violência de feminicídios são sempre analíticas. Os dados solicitados são expostos e assim é feito um comparativo com os números dos meses anteriores.

Fechine começou esse monitoramento em 2019, solicitando os números através da Lei de Acesso à Informação, por perceber que esse tipo de notícia estava aumentando cada vez mais no portal e para que “esses casos não se tornassem aqueles homicídios em que faz uma receita de bolo todos os dias e é mais uma morte e ninguém mais se choca ou se preocupa com aquela situação. Então eu não queria que o feminicídio se tornasse mais um homicídio”, disse ela em entrevista¹⁷.

Essa posição e iniciativa de Fechine chama atenção e é de tamanha importância, já que como citado no **Gráfico 1**, a grande maioria das matérias de feminicídio encontradas na pesquisa são apenas noticiando um fato. Fazer um jornalismo analítico a respeito desses crimes é crucial justamente para que essas mortes não virem mais uma manchete a ser esquecida pelo público no meio do grande fluxo de informação diária. Ademais, através dos dados, é possível traçar um registro jornalístico numérico da violência de gênero.

Na prática rotineira do jornalismo é comum o uso de suítes, ou seja, matérias que são sequências de um fato já noticiado pelo veículo, e de forma geral, esse tipo de conteúdo ajuda a manter o interesse do público em uma história (Menucci, 2015) e assim, além de leitores poderem acompanhar melhor o desenrolar dos fatos, jornalistas podem usar suítes para aprofundar um assunto.

¹⁶ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

¹⁷ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

É claro que no dia-a-dia prática jornalista, nem todas as matérias terão um desdobramento, ou aprofundamento, tanto sobre feminicídio quanto em outras temáticas. Porém, mesmo propondo um ponto de vista analítico sobre a violência contra a mulher, com a produção do Monitor da Violência, o g1 Paraíba não constrói narrativa que vise falar sobre violência de gênero de forma mais profunda.

Essa observação é reiterada pelo **Gráfico 2** abaixo, que mostra como os jornalistas do g1 Paraíba raramente acompanham o mesmo caso, muitas vezes se atendo à apenas noticiar o fato único –ou seja, a morte da mulher – e não destrinchar e aprofundar o crime, levando em conta que ele faz parte de uma composição de dados importantes para o entendimento da violência de gênero:

Com qual frequência você apura/apurou ou revisa/revisou O MESMO CASO de feminicídio?

12 respostas

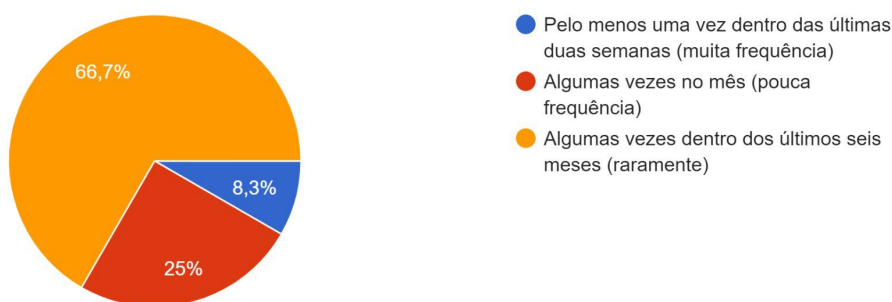


Gráfico 2: Frequência na apuração do mesmo caso de feminicídio no portal g1 Paraíba.

Você já fez alguma matéria de monitoramento/levantamento de dados/Monitor da Violência sobre feminicídio?

12 respostas

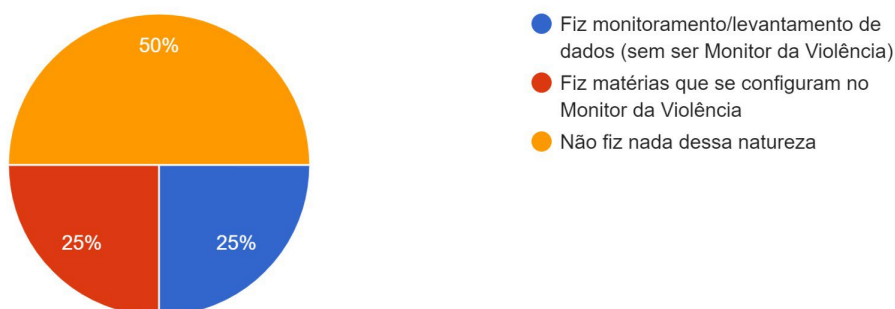


Gráfico 3: Frequência na produção de monitoramento de casos e dados sobre feminicídios no portal g1 Paraíba.

Outro dado que reitera uma falta de profundidade nessa cobertura é a predominância das fontes policiais, sejam delegados responsáveis pelas investigações e policiais militares que atenderam a ocorrência. Essa são, uniformemente, as fontes mais ouvidas:

Sobre notícias de feminicídio, marque a opção abaixo que você diria que é o tipo de fonte MAIS ouvida nas matérias de sua apuração/revisão

12 respostas

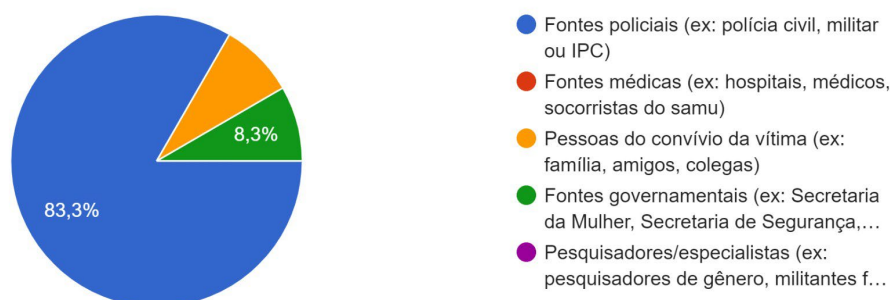


Gráfico 4: Fontes mais ouvidas em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba.

De acordo com Carneiro (informação verbal)¹⁸, priorizar as fontes oficiais é outra orientação da Pauta do g1, mas não especificamente sobre feminicídios em si, mas sobre notícias em geral. A escolha editorial do portal é essa e a editora exemplifica até com outros casos de violência contra a mulher.

Assédio, por exemplo, só pode ser noticiado no portal mediante a confirmação de uma investigação do Ministério Público, da polícia ou “a vítima fazer um registro na polícia pra gente ter tipo coisa mais concreta”, conforme afirma Carneiro (informação verbal)¹⁹.

Sobre o atributo mais usado nas matérias jornalísticas para se referir à feminicídios, os (as) entrevistados(as), os afirmaram que usam com mais frequência “*Mulher morta*” e o tipo de foto mais usada é sempre a foto da vítima:

¹⁸ Entrevista concedida por CARNEIRO, Krystine. Entrevista I. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

¹⁹ Entrevista concedida por CARNEIRO, Krystine. Entrevista I. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Quais dos termos abaixo você diria que é O MAIS USADO em casos de feminicídio para descrever a vítima na manchete e/ou lead nas matérias de sua apuração/revisão

12 respostas

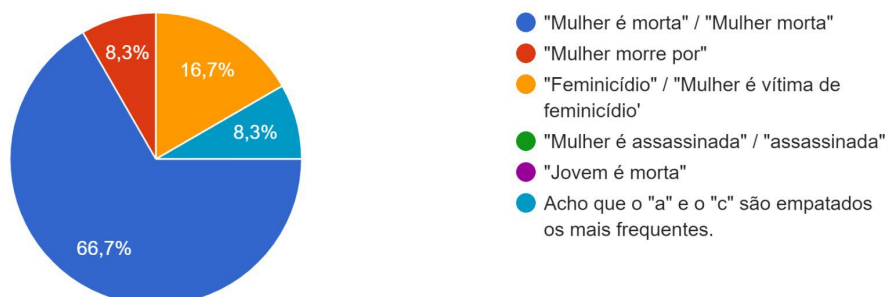


Gráfico 5: Termos mais usados em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba para descrever a vítima.

Sobre fotos usadas em notícias de feminicídio, marque a opção abaixo que você diria que é A MAIS usada nas matérias de sua apuração/revisão

12 respostas

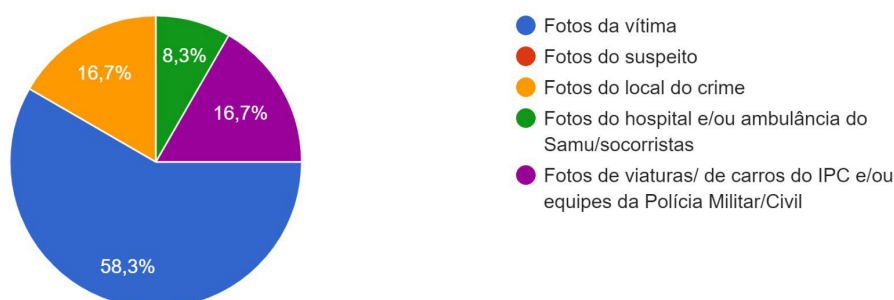


Gráfico 6: Fotos mais usadas em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba.

O dado acima, pode ser justificado, conforme os editores, por escolhas editoriais do próprio g1. Ainda de acordo com Carneiro (2022), fotos da vítima são essenciais para ter uma matéria bem acessada no portal e veiculada no g1 Nacional:

Eu acho que é mais difícil a gente conseguir a foto do-do-do suspeito do que da da vítima. E eu acho que a foto da vítima chamou mais atenção pela, tipo, foi essa pessoa que morreu, sabe? Uma matéria sem foto, a gente, por exemplo, tem muito menos chance de chamar atenção do Nacional, pra que eles puxem pra capa e também deem repercussão àquele caso. (informação verbal)²⁰.

²⁰ Entrevista concedida por CARNEIRO, Krystine. Entrevista I. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

Sobre orientações acerca de como denunciar esse tipo de crime ou sobre nomear o assassinato de uma mulher como feminicídio, os editores afirmam que fica mais a critério de cada repórter. Conforme Carneiro (2022), explicar o termo feminicídio acontece mais em casos de levantamento e balanço de dados, mas normalmente em notícias mais gerais, se espera uma confirmação oficial:

É, essa questão de não tipificar imediatamente é porque ainda vai ter uma investigação e pode não ser feminicídio. Então, na maioria das vezes, é principalmente quando a gente coloca logo no título ou no começo que o principal suspeito é o marido e tal. Aí é um caso claro de feminicídio, mas a gente espera a Polícia Civil dizer que está tratando como feminicídio pra, pra colocar. É... e sobre colocar a forma como denunciar, eu não tenho... não tenho orientação nenhuma. Normalmente, fica a critério do repórter e pode ser colocado, não tem nenhuma... não existe uma limitação. (informação verbal)²¹.

Fechine (2022) explica que sempre tenta inserir o conceito de feminicídio nas matérias construídas a partir de levantamento de dados que faz, e começou a fazer isso justamente ao se perguntar se o público sabia qual era o conceito desse crime. Apesar disso, afirma que ela mesma não insere em todas as matérias e que essa orientação não é explícita:

Em determinado momento me veio a dúvida se as pessoas sabiam o que era o feminicídio. E desde quando aquilo ali existia aqui. O como denunciar é... eu acho que às vezes não entra por ser uma coisa muito manjada, mas infelizmente é necessário, e eu acho que deveria realmente ter. (...) É a mesma coisa que eu tava te falando em relação a melhoria da própria... É... Da própria apuração estatística do caso, não existe nenhum tipo de acompanhamento, por parte da editoria, é... Do gl. E... em relação as, a-o como denunciar e enfim outras questões que poderiam... que poderiam ser-ser úteis, acho que falta e eu acho que vai continuar faltando. (informação verbal)²².

Quando apresentado o dado que – das matérias coletadas por mim para essa pesquisa, no período do pico da pandemia (entre março e dezembro de 2020), abrangendo os termos citados na base de dados (*mulher é morta; mulher morre; jovem é morta; assassinada e feminicídio*), apenas duas apresentavam no corpo da matéria informações sobre como denunciar feminicídios ou agressão contra mulheres – a falta de orientação é confirmada pelos dados do formulário:

²¹ Entrevista concedida por CARNEIRO, Krystine. Entrevista I. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

²² Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Você diria que orienta/é orientado a colocar recurso/informação sobre como denunciar feminicídios e/ou violência contra a mulher em matérias sobre o tema?

12 respostas

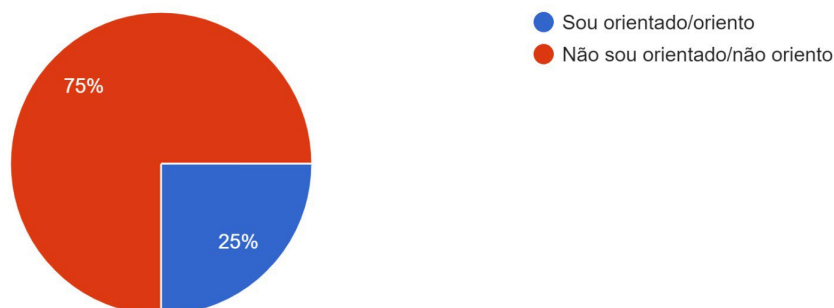


Gráfico 7: Quanto à disponibilização de coordenadas sobre como denunciar em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba.

Quando questionados o porquê das matérias coletadas na base de dados da pesquisa, no período do pico da pandemia (entre março e dezembro de 2020), abrangendo os termos citados na base de dados (*mulher é morta; mulher morre; jovem é morta; assassinada e feminicídio*), apenas duas ofereciam recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulheres, muitos citam pressa na publicação como um empecilho:

De 50 matérias coletadas para essa pesquisa, apenas DUAS ofereciam recursos de como denunciar feminicídios ou agressão contra mulheres. Porque você acha que isso acontece?

12 respostas

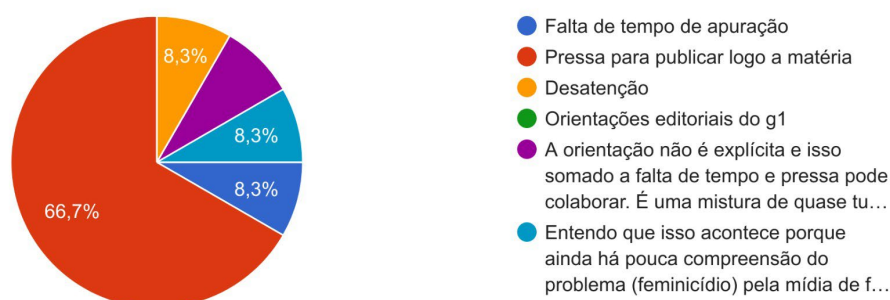


Gráfico 8: Motivos pelos quais jornalistas quase não colocam formas que mulheres podem buscar ajuda e denunciar crimes em matérias de feminicídios do portal g1 Paraíba.

Dentro do **Gráfico 8**, destaco duas respostas abertas, respondidas em anônimo, que foram de destaque e ajudam a entender a falta de orientação editorial clara acerca do tema.

Uma das pessoas (em roxo no **Gráfico 8**), afirma que a orientação não é explícita, a falta de tempo, a pressa e as outras opções mostradas no gráfico são fatores também a serem levados em consideração.

Já o outro jornalista (resposta em azul claro no **Gráfico 8**) concordou que não há uma recomendação para que se vise a compreensão e gravidade social do problema, incluindo o seu combate. Além disso, expressou que ainda existe pouca compreensão do feminicídio pela mídia de forma geral, não sendo raro o uso da voz passiva em manchetes e leads, como “*mulher morreu*”. Aliás, afirma também que a falta de tempo não é uma justificativa, o problema está na produção voltada para um mercado da notícia onde as pautas das mulheres não são prioridade.

Esta mesma pergunta, apliquei de forma aberta e as respostas recebidas em anônimo ratificam que a falta de tempo gerada pelo imediatismo e a orientação não-clara são empecilhos na cobertura. Os jornalistas do g1 Paraíba explicam que a alta demanda de factuais, atrelada com o pouco tempo de produção e a falta de orientação específica da linha editorial são obstáculos na hora de inserir esse tipo de informação.

Contudo, outros admitem esquecimento e acreditam que o modelo focado em *hardnews* muitas vezes pauta por noticiar o inusitado de forma imediata, e não em indicar uma resolução para o problema.

Ainda acerca das dificuldades na apuração de feminicídios durante o período da pandemia, muitos citam o tempo, mas especificamente no período analisado, dificuldades apresentadas pela pandemia também influenciou a apuração de feminicídios no g1 Paraíba:

Existe algo específico da pandemia que dificultou a apuração e cobertura desse tipo de crime?

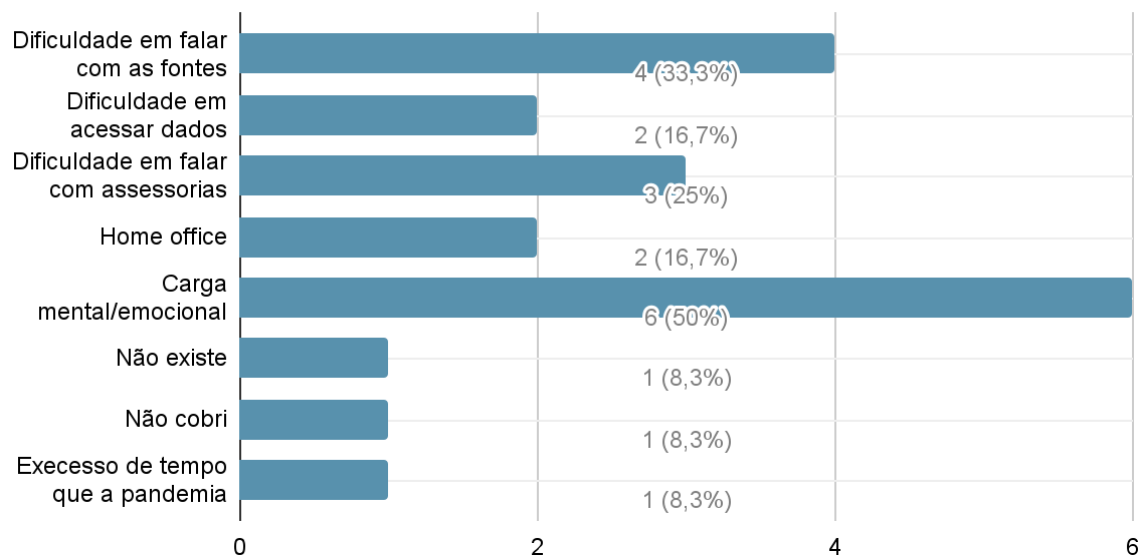


Gráfico 9: Dificuldades na apuração de feminicídios durante a pandemia.

Não só isto, foi observado na pesquisa que a constante exposição ao tema da violência contra a mulher afeta o emocional e psicológico dos jornalistas, afetando portanto na cobertura:

Você diria que apurar esse tipo de notícia te afeta/tem afetado sua vida pessoalmente? Essa pergunta não é obrigatória, mas me ajudaria bastante na pesquisa :)

12 respostas

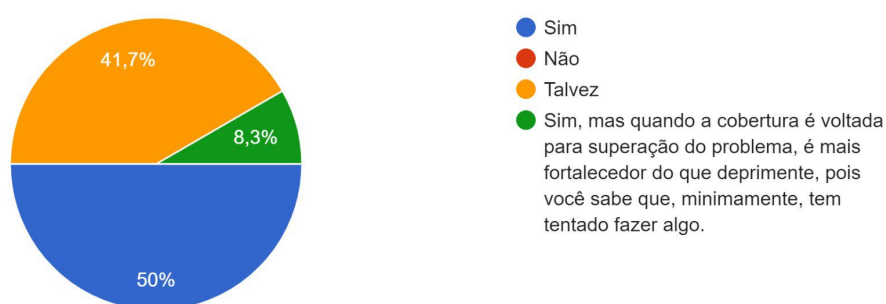


Gráfico 10: Apurar notícias de feminicídio afeta pessoalmente os jornalistas.

É importante notar aqui a proximidade do jornalista com o caráter da notícia pois, segundo a própria Fechine (2022), foi sua condição como mulher o incentivo para documentar os feminicídios através do Monitor da Violência.

Ademais, a vontade de não deixar essas mortes serem apenas mais uma notícia, sem uma discussão a respeito do machismo, e também mostrar como esses dados poderiam contribuir para uma melhor apuração jornalística sobre a violência contra a mulher foram e são o objetivo maior do projeto:

Os casos de feminicídios, eles sempre me tocaram muito. Eu desenvolvi uma crise de ansiedade, crises de ansiedade, e descobri ansiedade inclusive por causa das notícias de feminicídio. Isso me deixava completamente transtornada em relação às mulheres que vivem comigo. Eu ficava, não atendeu o telefone pra mim já... Algo muito grave já podia ter acontecido em relação a isso. (...) Com o aumento da-das notícias, talvez não o aumento das notícias, mas como eu passei a cobrir isso com mais frequência, é... eu tinha muito medo de que essas notícias, elas se tornassem muito comuns. (...) E aí, é... jornalisticamente falando os números iam contribuir pra gente poder ver é... na-numa lógica estatística se esses casos eles estavam realmente aumentando. (informação verbal)²³.

Não diferente de Fechine, nas respostas abertas, a grande maioria dos jornalistas do portal enfatizaram a questão do sexo feminino e a proximidade e identificação da problemática de gênero:

Você diria que apurar esse tipo de notícia te afeta/tem afetado sua vida pessoalmente? Fale brevemente sobre. Essa pergunta não é obrigatória, mas me ajudaria bastante na pesquisa :)

8 respostas

Lidar com morte de mulheres frequentemente, sendo mulher, me faz pensar na futilidade que é a vida feminina para a sociedade. Saber que essas mulheres e suas famílias tiveram vida e todos os sonhos interrompidos por motivos fúteis é assustador.

Eu fico extremamente afetado porque eu particularmente não consigo entender esse tipo de violência, por mais comum que seja. Mas eu consigo escrever sobre esses tipos de temas porque eu acho que o texto serve para denunciar esse tipo de acontecimento.

É impossível não se afetar enquanto mulher.

Sim. Acredito que toda mulher que já passou por um relacionamento abusivo e que, em algum momento, já teve a sensação de que um dia poderia ter virado notícia, é afetada por notícias sobre feminicídio.

Imagem 1: Apurar notícias de feminicídio afeta jornalistas do g1 Paraíba pessoalmente.

²³ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Produzir reportagens nesse âmbito, como ouvir colegas e me deparar com casos de violência contra as mulheres, me faz refletir sobre o meu machismo, sobre minhas atitudes e sobre como as mulheres são vulneráveis na nossa sociedade. É algo que precisa ser mais explorado, não só do ponto de vista de empoderar mulheres, mas de fomentar uma consciência nos homens com o objetivo de refletir sobre suas atitudes nas questões de gênero.

É sempre ruim noticiar casos de feminicídio e/ou outras mortes, mas a gente já se acostumou com isso, infelizmente.

Afeta no sentido de mudar completamente sua maneira de pensar, portanto de agir, sobre o problema. Apesar de ser difícil lidar com tantas mortes de mulheres, você se torna mais solidária ao ponto de querer ler as matérias que seus colegas fizeram sobre o caso e, se possível, informar se houver algum problema na cobertura do caso.

Acredito que a rotina jornalística nos deixa mais 'duros' com algumas coisas, não é tudo que afeta. Feminicídios, pessoalmente falando, me atinge mais porque me revolta, mas, confesso que não são todos os casos.

Imagem 2: Apurar notícias de feminicídio afeta jornalistas do g1 Paraíba pessoalmente, parte 2.

Apesar disso, ter mais tempo de apuração é algo que os jornalistas do g1 Paraíba citam como algo que ajudaria e enriqueceria este tipo de matéria:

O que você acha que poderia ajudar na produção/enriquecer matérias sobre feminicídio no g1 PB?

12 respostas

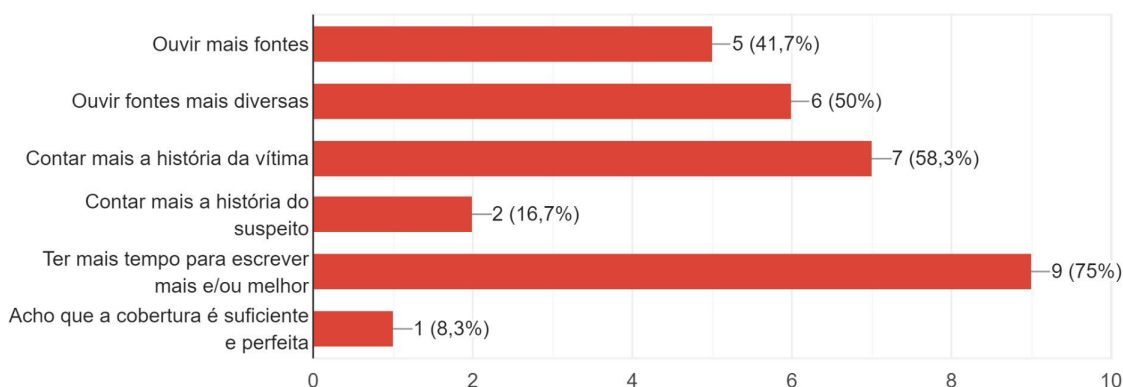


Gráfico 11: Sugestões de melhorias para as matérias sobre feminicídios no g1 Paraíba.

Neste ponto, os jornalistas enfatizam no questionário que por vezes regras editoriais e a rotina de produção impedem uma cobertura de feminicídios que amplie mais o debate no campo da afirmação dos direitos das mulheres, reconhecendo as vezes falhas em si e nas fontes. É citada que a possibilidade de aprofundamento de cada caso seria viável

principalmente a partir da ampliação do tempo de produção, visto que pelas demandas factuais, a logística diária fica prejudicada.

Quando perguntados o que poderia ajudar na produção e enriquecer mais as matérias que tratam de feminicídios no portal, em anônimo a equipe do g1 cita que como as mulheres podem procurar ajuda em casos de agressão; procurar ouvir fontes especializadas como estudiosos e pesquisadores sobre tema e não se limitar a ouvir só a polícia; usar os dados e crimes registrados para questionar os gestores acerca das políticas públicas adotadas acerca do problema e humanizar mais as matérias, buscando saber quem era aquela mulher e contando sua história.

Porém, apesar das dificuldades encontradas pelos colegas e situações que limitam o tratamento mais amplo da temática do feminicídio reconhecidas pelos próprios colegas, muitos reconhecem o g1 Paraíba, dos portais do estado, como o que fez e faz o melhor trabalho na cobertura de feminicídios:

Quer falar algo específico sobre a apuração de feminicídio dentro do g1 PB?

5 respostas

Acredito que o trabalho do g1, principalmente através do levantamento especializado, é uma ferramenta importante por meio da qual os órgãos públicos podem criar ferramentas de combate ao feminicídio. Por isso, quanto mais aperfeiçoado, o trabalho terá ainda mais impacto social.

Acho que a cobertura precisa ser o mais humanizada possível. Mais histórias de vida.

Entre os veículos paraibanos que cobrem esse tipo de pauta, acredito que o G1 Paraíba é o mais decente na produção de notícias, tanto no aspecto do respeito à vítima, no tratamento legal dado ao acusado, quanto no levantamento de estatísticas e na postura de pautar o assunto na mídia de forma geral. Na minha avaliação, o G1 Paraíba é uma referência de tratamento de cobertura jornalística em casos de feminicídio, embora não signifique que não haja o que ser melhorado na cobertura.

Acredito que, por não ser mulher cis/trans, não me enquadrar em uma posição para me sentir à vontade e discorrer sobre o tema. Por isso foco no factual.

Como alguém que pesquisa feminicídio na mídia da Paraíba, observo que o g1 é o portal que mais tem dado sinais de avanço na cobertura dos casos. Mas não porque a empresa é boazinha, mas porque tem em seu corpo de funcionários mulheres jovens estudantes, pessoas feministas, etc. Além, claro, de ter mais recurso financeiro. Significa que pode, monetariamente, investigar na adaptação das mudanças sociais. Um exemplo disso é que a "pauta" enviou vídeos que fizeram sobre como identificar o ciclo de violência de gênero e como sair dele. A recomendação da pauta é que os estados comessem a usar. Uma pergunta: o g1 PB usou esse vídeo pelo menos alguma vez? Não! E olhe que, após isso, houve o caso Mariana. Então entendo que há demanda e quem tem recurso, oferta. No entanto, não deixa de ser importante veicular essas informações.

Imagem 3: Opiniões específicas sobre a apuração de feminicídio dentro do g1 PB.

3.4 Rotinas de produção e a “receita do bolo”

Analisando as notícias e as contrastando com as respostas dos jornalistas no questionário e as entrevistas realizadas, é possível perceber que o g1 Paraíba, apesar de se diferenciar dos outros portais por fazer uma cobertura às vezes mais especializada com o Monitor da Violência, muitas vezes incide no que eles mesmos chamaram de “receita de bolo” (informação verbal)²⁴.

É possível perceber através da base de dados feita para este trabalho que o termo mais utilizado é *mulher é morta/mulher morre*. Destacamos também uma ênfase no uso de fotos, especialmente da vítima, como forma de fazer com que a matéria tenha mais *views*; a falta de caracterização do crime enquanto feminicídio e a utilização quase unânime de fontes exclusivamente policiais.

Nessas matérias se percebe um realce sobre o fato, sem aprofundamento sobre quem era aquela mulher, como mulheres podem recorrer a ajuda e sem reflexão sobre a violência de gênero: se foca na morte como um caso isolado e não como um sintoma do machismo e da misoginia.

Conforme Traquina (2008), jornalistas formam sua própria cultura profissional, com linguagens e signos próprios, sendo fruto desse fenômeno valores quanto à importância que um fato pode ter. São eles os chamados critérios de noticiabilidade, construídos a partir dos valores-notícia. O teórico aponta a morte como um tema como de grande notoriedade para o jornalismo:

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos ecrãs da televisão. No seu estudo antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais frequente do seu chefe é “Quantos corpos?” (TRAQUINA, 2008, p. 79).

Considerando essa teoria em contraste com os dados coletados na base de dados deste trabalho foi possível perceber que, apesar dos valores-notícia do portal g1 Paraíba se centralizarem em sua grande maioria – nos casos de feminicídios – na morte e na violência, a

²⁴ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

apuração e formato de produção ainda não permitem um tratamento mais aprofundado sobre a questão, mostrando diferentes fontes além das policiais ou diferentes ângulos e enquadramentos acerca destes crimes.

Essa “receita” confere a essas notícias um carácter já observado por Sanematsu (2019) no *Imprensa e Direito das Mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual*. Conforme este levantamento, na cobertura dos assassinatos de mulheres prevalecem matérias que focam no fato, sem informações da vítima ou consequências que podem indicar falhas nas políticas públicas, como se a mulher tinha medida protetiva ou denúncias contra o agressor.

Essa observação é reiterada nesse estudo, onde também fica claro uma cobertura que prioriza o factual através da abordagem policial e que por vezes é individualizada (Sanematsu, p. 16, 2019). A própria Daniela Fechine, a idealizadora do monitoramento mensal dos feminicídios no g1 Paraíba, admitiu (informação verbal)²⁵ que muitas vezes as matérias de levantamento vão para o banco de pautas e são usadas para preencher falta de conteúdo nos finais de semana – que geralmente tendem a ser mais parados para notícias de portal.

A falta de tempo e a rotina de produção, segundo Fechine (2022), transformou até as matérias do Monitor da Violência em algo por vezes mecanizado e a rotina muitas vezes não permite uma matéria analítica.

Aí o que é que eu penso? É melhor publicar, é melhor fazer com o básico do que não ter a matéria. Aí quando é... São números mais importantes, tipo, seis meses, um ano, aí a gente tenta fazer uma coisa mais analítica, mas na rotina do dia a dia, às vezes até porque precisa deixar salvo pro fim de semana, porque o fim de semana tá sem matéria. Então, tem feminicídios. Então, vamos colocar. (informação verbal)²⁶

Essa mecanização – mesmo que reconhecida pela equipe que, com base nas respostas do formulário, não parece ter uma postura acrítica sobre feminicídios – acaba muitas vezes priorizando uma roupagem não analítica das matérias, porém, ao fazê-lo, denuncia uma posição passiva sobre a violência contra a mulher afinal, mesmo que tentem produzir com uma suposta neutralidade, o jornalismo e meios midiático sempre revelam o tom ideológico que possuem em relação aos fatos noticiados (ASSIS, 2015, p. 181).

²⁵ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

²⁶ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Não obstante, existe um padrão baseado no que rende mais *pageviews*, como reiterado por Carneiro (2022) no **Capítulo 3** deste trabalho, quando disse que a foto da vítima na matéria também é um fator quase que diferencial para fazer com que a matéria chame mais atenção.

Guy Debord (2003, p.15) contextualiza que o espetáculo é uma forma de capital e constitui o modelo presente da vida socialmente dominante e se manifesta de várias formas: através da informação, propaganda, publicidade ou entretenimento. Ele é capaz de tornar uma imagem, por exemplo, não só em um objeto, mas uma representação de algo; uma reprodução de um pensamento; um signo. A foto de uma notícia, não é só uma imagem e portanto a ênfase de fotos de vítima em notícias de feminicídio reitera o uso da comoção, do espetacular, para que esse produto (a matéria) gere mais consumo (acessos).

Reforça-se aqui, inclusive, que a mecanização dessas pautas não é apenas por uma falta de tempo, mas a falta de tempo parece ser fruto de uma rotina de produção intensa para atingir demandas de audiência, deixando de lado a reflexão e a fomentação de um debate.

Essa demanda de audiência só reforça o espetáculo. Segundo Marcondes Filho (1989), “a luta pela sobrevivência no capitalismo é a mais violenta de todas”. Deste conflito, surge o jornalismo como um catalisador para entretenimento inebriante, que satisfaz necessidades de consumo do público por meio de pautas polêmicas:

O trabalhador tem de arrancar forças de onde não tem, para nela sobreviver. Esse desgaste, esse esforço supremo exige uma tranquilizarão, uma pausa para recuperação. Aí entra a função do jornal como lazer. Ao trabalhador interessa muito mais o jornal que o descansa, que o entretinha, do que o jornal que o jogue de novo contra o mundo do trabalho, da produção, da política. A grande massa não lê os grandes jornais (liberais), os meios que a atingem são de outra natureza, são os que se prestam a dar pinceladas de informação devidamente temperadas com elementos atrativos e sensacionais. (MARCONDES FILHO, 1989, p.89).

Quando a questão é o feminicídio, essa fórmula mediatizada e midiaticizada, transforma jornalismo como somente produtor de uma mercadoria a ser consumida, não permitindo que este exerça o papel de questionar a cultura misógina vigente e muitas vezes, de denunciar falhas nas políticas públicas garantidas por lei – reivindicações que são essenciais para o combate da violência contra a mulher.

Marcondes Filho (1989, p.155), afirma que apenas noticiar fatos não fazem com que o leitor transforme a informação em uma ação direta na sua vida, muito pelo contrário, se dá

uma ilusão de participação através de uma mera “notificação” dos fatos. Dessa forma, para torná-lo um agente ativo de mobilização, o jornalismo precisa se aproximar das necessidades do público, ligando informações à prática do receptor.

Uma forma de fazer isso, por exemplo, seria transformar as publicações sobre violência contra a mulher em um mecanismo para garantir o conhecimento dos direitos que a legislação prevê às mulheres (Sanematsu, p. 38, 2019). Tornar público esses direitos deveriam ser, conforme essa autora, obrigatórios em matérias de feminicídio. Ela considera essencial em conteúdos jornalísticos sobre o tema:

Informações sobre serviços de denúncia e acolhimento existentes na região; Informações sobre serviços de orientação e denúncia que podem ser acionados à distância (190, Ligue 180, Disque 100, portais e aplicativos); Breve explicação de que a violência em contexto afetivo manifesta-se em um ciclo – o chamado ciclo da violência, em que se repetem fases de tensão, explosão e reconciliação, que vão se agravando e podem culminar na violência fatal; Dicas de como as mulheres podem se prevenir a violência e sair desse ciclo. (SANEMATSU, p. 47, 2019).

Por isso, quando o g1 Paraíba, na maioria das matérias coletadas na base de dados deste trabalho, não informa o que é um feminicídio ou como denunciar crimes de violência contra a mulher, isso pode ser considerado uma ausência inquietante no ponto de vista dos estudos de gênero e jornalismo.

Apesar disso, diferente do que é visto em outros portais do estado e até dentro da plataforma g1, a filial na Paraíba tem esse monitoramento de feminicídios mensais, que é importante inclusive no ponto de vista de produção de dados do Estado.

Conforme a própria Fechine (informação verbal)²⁷, a série começou porque ela observou um crescimento desses factuais no g1 e com o levantamento, ela comprovou esse aumento e começou a produzir um registro não só jornalístico, mas numérico.

Segundo Fechine (2022), principalmente quando a Lei do Feminicídio começou a ser implementada, muitos casos eram subnotificados no sentido da própria delegacia não ter uma investigação muito concreta acerca do tipo de homicídio que aquelas mulheres foram submetidas. Muitas vezes, quando os jornalistas já tratavam o crime a partir da qualificadora, a polícia ainda os tratava como um crime passionai:

Às vezes os dados de um mês pro outro mudam. Toda vez que eu peço um dado de um mês, vem o dado dos meses anteriores que eu já tinha solicitado e às vezes tem

²⁷ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

alguma alteração, então, às vezes um homicídio passa a ser tratado como feminicídio ou ao contrário. (informação verbal)²⁸.

Considerando que papel do jornalismo questionar se houve falhas do Estado (Sanematsu, p.37, 2019) em casos de violência contra a mulher, o trabalho deste portal se mostra necessário ao produzir dados jornalísticos importantes para a contabilização desses crimes na Paraíba e a divulgação de possíveis subnotificações nos bancos de dados do governo.

Sabe-se, portanto, das dificuldades que foram apresentadas à imprensa e ao combate à misoginia durante o período de vigência mais intenso de isolamento social. No ponto de vista da Covid-19, as matérias coletadas na base de dados da pesquisa também demonstraram que a pandemia não só agravou os crimes contra a mulher, mas também prejudicou a realização do trabalho jornalístico – onde apenas 1% dos entrevistados responderam que nada mudou sua produção durante o período pandêmico.

Porém, mesmo com as dificuldades, também se reconheceu por meio das respostas do formulário aplicado, que esta cobertura é uma ferramenta importante para a criação de ferramentas de combate ao feminicídio. Por isso, reforça-se que o jornalismo também é um caminho de reivindicação que pode levar à manutenção de direitos e conquistas de lugares seguros para a existência de mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contextualizando o feminicídio enquanto a etapa final da violência de gênero e como esse fenômeno é um empecilho no compromisso do Estado em garantir direitos humanos básicos as mulheres, identifiquei como meu objetivo principal analisar como o jornalismo online do g1 Paraíba retratou notícias de feminicídio na região a partir de quem as produz, levando em consideração quando a pandemia de Covid-19 se mostrou mais desafiadora em 2020. A inclinação para este período parte não só do pressuposto, mas da certeza anunciada que durante uma crise mundial, mulheres são o primeiro grupo de seres humanos a terem seus direitos ceifados.

²⁸ Entrevista concedida por FECHINE, Daniela. Entrevista II. [abril, 2022]. Entrevistador: Lara de Oliveira Brito. João Pessoa, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Além disso, a escolha de analisar esses casos durante a pandemia também faz parte de uma vivência minha, enquanto webjornalista, quando vi a notificações desses casos aumentar e percebi como o isolamento social e os desafios da doença também afetaram a cobertura jornalística de forma geral.

Portanto, observar como os crimes foram tratados, identificando quais fontes foram ouvidas e quais termos foram utilizados para descrever o fato, podem nos levar a uma compreensão de como estas características constroem significados acerca do crime de feminicídio durante este período histórico importante que passamos.

No percurso da pesquisa, foram analisadas matérias a partir dos termos-chaves: *mulher é morta; mulher morre; jovem é morta; assassinada e feminicídio*. Foram ao todo coletadas 10 notícias para cada termo pesquisado. Através desses resultados, foi observado uma predominância de fontes policiais; falta de nomeação do crime como feminicídio ou explicação do que seria um feminicídio; falta de recursos que possam ajudar leitores a identificar ou denunciar esses crimes. Um enquadramento policial que prioriza apenas o fato foi percebido, tratando esses crimes como se fossem casos isolados, onde não se propõe uma reflexão sobre esses casos com uma manifestação de algo maior: o machismo e a misoginia.

A partir desses resultados, outro ponto de análise se deu no contato com os jornalistas do g1 Paraíba através de entrevistas e a aplicação de um formulário online. Percebeu-se que, muitas vezes, as orientações do próprio portal são voltadas para o que daria mais cliques – reiterando o webjornalismo como um produto de consumo imediato e ignorando que, por conta da proximidade local com o público, poderia ser um grande mecanismo de tomada de consciência da legislação e, a partir disso, de mudança e mobilização social.

Também durante essas trocas com os jornalistas, concluiu-se que muitas vezes, por conta de questões editoriais e exigências de metas de alcance digital, se cai nesta fórmula padrão de produção de notícias que não se permite muito aprofundamento sobre questões de violência contra a mulher. Não só isso, a pandemia foi um agravante para uma rotina de produção já exaustiva e afetou a cobertura desses casos, não só porque as notificações de feminicídio aumentaram, mas também porque o período desgastou os profissionais de imprensa inclusive no ponto de vista pessoal.

Ainda assim, os jornalistas reconhecem que olhar para esses crimes de forma mais humanizada, politizada e menos mecanizada é essencial para o combate e prevenção desses casos. Ademais, a produção mensal do Monitor da Violência do g1 Paraíba, que contabiliza

casos de feminicídio na Paraíba, é diferencial na cobertura do portal, se mostrando um ponto fora da curva em relação aos outros portais do estado.

Por isso, percebo que os profissionais do g1 Paraíba, de modo geral, tem um entendimento do feminicídio enquanto violência de gênero e o que poderiam fazer para melhorar a cobertura – posição esta que é importante, já que muitos jornalistas não possuem essa compreensão e também existem aqueles que reproduzem misoginia – porém, a demanda de pautas factuais, a falta de tempo, a pressa para uma rápida publicação e outros fatores da imediatividade impedem que um olhar menos capitalista e mais humanizado seja conveniente na publicação.

Concordamos aqui com Sanematsu (2019), ao passo que conhecemos o ritmo das redações e outros fatores que contribuem para dificultar o trabalho de jornalistas, a reflexão proposta nesta pesquisa não se trata apenas de uma crítica, mas uma forma de elucidar questões acerca do tratamento de assassinatos de mulheres durante uma crise mundial e assim, contribuir para um trabalho que vise a proteção dos direitos humanos.

Dessa forma, indicar como as mulheres podem procurar ajuda em casos de agressão; ouvir fontes além da polícia; aprofundar a pauta falando sobre a realidade em que a vítima se encontrava; questionar o Estado sobre o problema; ressaltar as políticas públicas de garantia de direitos à mulheres já vigentes e ouvir fontes especializadas em feminismo e no combate à violência contra mulheres podem servir como soluções ou melhorias para os problemas citados.

Essa pesquisa se tornou desafiadora de várias formas. É preciso ressaltar aqui que, sendo eu uma mulher sobrevivente e testemunha de diversos episódios de violência doméstica, falar sobre um tema tão próximo da minha realidade foi um exercício que exigiu muita força. Além disso, a rotina de ser uma estudante do interior – que veio para a capital justamente para fugir de uma realidade machista e sem muitas perspectivas além de um destino de servidão a homens – se mostra desafiadora. Comecei este trabalho muito antes de concluí-lo e conciliar estudos com a rotina de trabalho foi sim uma dificuldade imensa na realização desta pesquisa de forma mais aprofundada e profícua.

Levando em consideração todos esses fatores, concluo aqui, que apesar de ainda se pregar uma suposta imparcialidade jornalística, ela não existe porque o jornalismo é, acima de tudo, uma prática que exige e mexe muito com o nosso subjetivo.

Essa subjetividade pode ser vista na prática. Não só a minha vivência pessoal, como a motivação de Fechine (citada anteriormente como motivo de começar o Monitor da Violência para casos de feminicídio), por exemplo, nos fazem sentir quase como se fosse uma missão cobrir temas acerca de direitos da mulher – mas também o que acontece no mundo afetou a cobertura sobre o assunto.

Não se pode esquecer aqui que a sociedade foi construída através da submissão e controle de mulheres. O feminicídio é a última etapa de uma opressão estrutural, que ainda não foi combatida; de uma injustiça que ainda não foi retificada e que com a pandemia, só se agravou. Existe um motivo pelo qual meninas e mulheres seguem sendo assassinadas por homens: a cultura de ódio ao feminino.

Quando escolhemos tratar da morte de mulheres de forma tão superficial e não analítica, não existe nada de imparcial neste formato. Afinal, quando uma notícia de feminicídio vira mais um caso policial, valorizando apenas fontes oficiais, e uma mercadoria, enfatizando o que vai dar mais acessos às matérias, é comum esquecer de tratar o crime pelo o que ele realmente é – um problema sintomático da violência masculina estrutural.

O sexismo e discriminação de gênero devem ser falados, discutidos e nomeados para assim, serem combatidos. Mulheres devem seguir gritando e cabe a nós, profissionais de imprensa, disponibilizar mecanismos capazes de fazer com que esse grito de resistência seja amplificado.

REFERÊNCIAS

- ADGHRNI, Zélia; RIBEIRO, Gilson. **Jornalismo online e identidade profissional do jornalismo**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1214.pdf>. Acesso: 22 de nov. 2020.
- ARAÚJO, Luciana; SANEMATSU, Marisa. **Imprensa e Direitos das Mulheres: Papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual**. 2019. Disponível em: <https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG_RelatorioMonitoramentoCoberturaFeminicidioViolenciaSexual2019.pdf>. Acesso: 18 de maio de 2022.
- AZEVEDO, Sandra Raquew; GARCÍA, Loreley Gomes. **Violência contra mulheres na agenda midiática**. Revista Espaço do Currículo, 2011.
- BARBOSA, Suzana. **Os portais regionais como um formato para o jornalismo digital**. Dissertação de mestrado - Salvador: Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, p.11, 2002. Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_barbosa_osportaisregionais.pdf. Acesso: 19 mar. 2022.
- BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. **Webjornalismo**, v. 7, p. 111-136, 2014. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf>. 24 de maio de 2022.
- BRITO FILHO, Cleudemir Malheiros. Violência de gênero–Feminicídio. **Cadernos de Direito, Piracicaba [Internet]**, v. 17, n. 32, p. 179-195, 2017. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Cad-Dir_n.32.09.pdf>. Acesso: 22 de abr. de 2022.
- BUENO, Samira. SÉRGIO DE LIMA, Renato; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Apesar da queda nos homicídios, reformas na segurança pública seguem urgentes**. g1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/09/01/apesar-da-queda-nos-homicidios-reformas-na-seguranca-publica-seguem-urgentes.ghtml>>. Acesso: 22 de abril de 2022.
- CAMPOS, Carmen. **Feminicídio no Brasil Uma análise crítico-feminista**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito, Porto Alegre, Volume 7 – Número 1 – p. 103-115, 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/20275>>. Acesso: 20 out. 2020.
- CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de. Marcadas a ferro: violência contra a mulher: uma visão multidisciplinar. In: **Marcadas a ferro: violência contra a mulher: uma visão multidisciplinar**. 2005. p. 259-259. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/saffioti/2005/mes/90.pdf>>. Acesso em: 8 de abr. de 2022.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; BUENO, Samira. Atlas da violência 2020. In: **Atlas da violência 2020**. 2020. p. 91-91. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf>. Acesso em: 16 de mar. 2022.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. eBooks Libris, Projeto Periferia. p. 9, 2003. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Breno; DAS NEVES, André Luiz Machado. **Reflexões sobre o feminicídio no contexto da pandemia de Covid-19 no Amazonas**. Revista Espaço Acadêmico, v. 20, n. 224, p. 47-57, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55048/751375150775>>. 16 de mar. 2022.

FECHINE, Dani. **Feminicídios são mais de 32% dos assassinatos de mulheres no 1º semestre de 2020, na PB**. G1 Paraíba, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/12/feminicidios-sao-mais-de-32percent-dos-assassinatos-de-mulheres-no-1o-semester-de-2020-na-pb.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

FEDERAL, Senado. **Decreto nº 4.377**, de 13 de setembro de 2002. Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, de 1979, e revoga o Decreto nº 89.460, de 20 de março de 1984. Brasília, DF, 13 de setembro de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4377.htm>. Acesso em: 15 de abr. 2022.

FEDERAL, Senado. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm>. Acesso em: 15 de abr. 2022.

FILIPPO, Denise Del Re; PIMENTEL, Mariano; WAINER, Jacques. (2011). **Metodologia de pesquisa científica em sistemas colaborativos**. Acesso em: 15 de nov. 2020.

GERAL, A. Assembléia. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher" Convenção de Belém do Pará"(1994)**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debates**, v. 1, n. 1, p. 6, 2007.

HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. **Teorias da Comunicação. Conceitos, Escolas e Tendências**. Câmara Brasileira de Livros, São Paulo, 2001.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Ipea**, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/26/atlas-da-violencia-2020-dashboard>>. Acesso: 12 out. 2020.

LOBO, Janaína. **Uma outra pandemia no Brasil: as vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”**. Revista de Antropologia e Arqueologia - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18901>>. Acesso: 19 out. 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo, Ática, 1989. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/qdownload/o-capital-da-noticia-ciro-marcondes-filho-pdf-free.html>>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **The Agenda-Setting function of mass media**. Oxford University Press, 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2747787?seq=1>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MENEGHEL, Stela; PORTELLA, Ana. **Feminicídios: conceitos, tipos e cenários**. Ciência & Saúde Coletiva, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3077.pdf>>. Acesso: 20 out. 2020.

MENUCCI, Fernando de Souza. **Análise e quantificação da formação de suítes no jornalismo online brasileiro**. 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FGV_205a1d91074689d2c18598c48da854c8>. Acesso em: 6 de jun. de 2022.

MLAMBO-NGCUKA, Phumzile. **Violência contra as mulheres e meninas é pandemia invisível, afirma diretora executiva da ONU Mulheres**. Onu Mulheres, 2020. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

Mulher grávida é morta em Poço de José Moura, Sertão da Paraíba. **G1 Paraíba**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/09/08/gravida-e-morta-apos-ser-espancada-em-poco-de-jose-moura-sertao-da-paraiba.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

Mulher grávida teve celular quebrado e foi a PSF no dia que foi morta, na PB; entenda cronologia. **G1 Paraíba**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/09/16/mulher-gravida-teve-celular-quebrado-e-foi-a-psf-no-dia-que-foi-morta-na-pb-entenda-cronologia.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

OLIVEIRA, Guacira César de. MELO, Jacira. LIBARDONI, Marlene. **Mulher e Mídia: uma Pauta desigual?**. São Paulo: Centro Feminista de Estudos e Assessoria; Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, 1997. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/mulher_midia_pauta_desigual.pdf>.

PASINATO, Wânia. Femicídio. **Mortes de mulheres no Brasil**. Cadernos Pagu, n. 37, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200008>. Acesso em: 23 nov. 2020.

Princípios editoriais do Grupo Globo. **Grupo Globo**. Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/principios-editoriais/>> Acesso em: 6 ago. 2020.

RADFORD, Jill; RUSSELL, Diana EH (Ed.). **Femicide: The politics of woman killing**. Twayne Publishers, 1992. Disponível em: <<http://www.dianarussell.com/f/femicide%28small%29.pdf>>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. **Webjornalismo**, v. 7, p. 25-52, 2014. Disponível em: <https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2019017113d6351512141687d97d31ddc/_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 19 de abr. 2022.

SANEMATSU, Marisa; PRADO, Débora (Coord.). **Feminicídio #Invisibilidade Mata**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão; São Paulo, 2017. Disponível em: <https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2017/03/LivroFeminicidio_InvisibilidadeMata.pdf>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

SANEMATSU, Marisa (Coord.). **Imprensa e direitos das mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão; Brasília: Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres - MMFDH, 2019. Disponível em: <https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG_RelatorioMonitoramentoCoberturaFeminicidioViolenciaSexual2019.pdf>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

SUÊNIA, Ane. **G1 Paraíba**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/10/07/suspeito-de-espantar-e-matar-esposa-gravida-na-pb-continua-foragido-um-mes-apos-feminicidio.ghml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. 8a Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/images/john_b._thompson_-_a_midia_e_a_modernidade_uma_teoriasocial_da_midia-vozes_1998.pdf>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

VIANNA, Cynthia. **O caso Eloá: análise da abordagem de feminicídio na mídia**. Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010. Disponível em: <http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278299010_ARQUIVO_semiramis-elofeminicidio.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Flacso Brasil, 2015. Disponível em:

<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição da entrevista nº 1

Entrevistado(a): Krystine Carneiro e Jhonathan (Jhon) Oliveira

Data: 13/04

Local: TV Cabo Branco/João Pessoa

Lara: Eu queria discutir com vocês algumas questões editoriais do g1, entender mesmo e aí depois eu queria pegar algumas impressões do questionário que eu apliquei na equipe e discutir com vocês também só resultados que a gente teve. Se vocês quiserem, inclusive, se for interessante, pode até mandar o resultado.

Krys: Tudo bem. Porque assim, eu li o questionário, só que eu fiquei tipo, meu Deus, como é que eu vou saber quando eu não sei quantas matérias eu fiz por semana, era por semana ou era por mês. Não lembro. Aí eu pensei não, vou olhar as matérias de Dani pra ver quanto você me disse no mês. Pode ser tanta matéria, sabe? Não sei quantas foram por mês que eu editei sobre feminicídio.

Lara: Eu vi que Taiguara respondeu.

Jhon: No meu caso já foi uma coisa aí aquela coisa depois eu respondo, nesse depois aí é outra coisa...

Lara: Bom, eu queria saber de vocês, assim primeiramente pra gente começar quais são as orientações do g1, questão pauta mesmo, em relação a notícias de feminicídio. Tipo, vocês recebem alguma orientação enquanto editores? Tem tem algo específico de notícias de feminicídio que a pauta chega pra vocês e fala “olha: pode, não pode”?

Krys: A única coisa que eu me recordo é tirar comentários.

Lara: Por quê?

Krys: Porque a caixa de comentários do gl é tóxico, né? O pessoal que comenta é com muita ofensa e tudo mais. E aí matérias de morte, não só feminicídio, mas de morte em geral, e depois ampliaram também pra questões de violência contra a mulher e tal eles preferem é... não colocar os comentários pra evitar aquele chorume né? De pessoas é... ofendendo a vítima e tudo mais.

Jhon: Porque são, são variados níveis de ataque né? Que acabam surgindo...

Lara: Isso é novo Kris? Porque eu lembro que tipo.. nas antigas tinha comentário.

Krys: Olha, eu não lembro exatamente quando chegou a- quando chegou a-a recomendação. Pra mim, eu tenho a impressão de fazer dois anos, sei lá.

Lara: Uhum.

Krys: Mas não sei, não sei se precisar tá?

Lara: Você acha que influencia de alguma forma em tipo, como as matérias vão? Tipo, questões de, de *views* mesmo?

Krys: Talvez porque quando alguém entra no comentário, fica voltando pra ver se teve resposta.

Lara: Uhum.

Krys: Alguém “eita, tu viu o que tem naquele comentário”; “vamos todo mundo lá pra tentar derrubar aquele comentário”... Talvez isso diminua porque não tem o engajamento do comentário. Mas, eu não acho isso uma coisa negativa porque esses comentários não, não acrescentam em nada, né? Na maioria das vezes só piora a situação, traz sofrimento pra família. Então, é melhor que não tenha mesmo.

Jhon: É um tipo de acesso que não faz diferença a gente perder. Não tem porque fomentar esse debate nocivo.

Lara: Porque também eles não vão voltar né? Não vai se tornar um leitor.

Jhon: Exato, vai voltar porque se criou, se transformou a caixa de comentários numa espécie de fórum, né? Ele vai tentar alimentar esse debate.

Lara: Outra coisa que eu queria perguntar pra vocês é tipo, existe algum assim, alguma característica específica que vocês priorizam pra um caso de feminicídio entrar e outro não, por exemplo?

Krys: Não.

Lara: Ou tipo, todos que chegam aqui entram?

Krys: É pra todos entrarem. Se não entrou foi-foi um erro, mas é pra todos entrarem.

Jhon: Eu também não lembro que a gente tenha decidido não dar algum não.

Krys: Se não foi dado, talvez por falta de informação ou não conseguiu apurar. Mas que é pra dar todos, é pra dar todos.

Lara: Aí agora mais sobre as impressões das respostas. É... uma resposta que me chamou atenção, que foi unânime, é que é as fontes mais ouvidas, são fontes policiais. Eu queria perguntar porque exatamente vocês acham que acontece.

Krys: É porque a gente trabalha muito com a fonte oficial. De... principalmente, no caso policial né? A fonte oficial é a polícia. Então, antes da gente falar com a família, antes da gente falar com testemunhas a gente vai ouvir a polícia porque se a gente tiver só as testemunhas fica uma matéria fraca, inclusive, sem sem dado oficial.

Lara: Isso é orientação do g1?

Krys: Sim, com certeza.

Lara: De ouvir primeiro as fontes oficiais...

Jhon: Na maioria das vezes se busca fontes policiais mesmo, é uma orientação deles, nesse caso. Tipo, família, a gente... família é num segundo momento, né? Existe a preocupação de você não trazer a notícia; de não sermos nós a trazer a notícia a família.

Lara: Já aconteceu assim de algum caso de, tipo, chegou um caso de feminicídio só com informações da família e não teve confirmação da polícia e vocês deram? Por exemplo?

Jhon: (para Krys) Tu tem mais tempo de g1, tu pode... no período que eu tô, não me recordo.

Krys: É, também não que eu lembre.

Jhon: De 2021 pra cá porque, eu voltei em 2021, né. Como edição, como editor em 2021. A minha outra passagem no g1 foi como repórter.

Lara: Uhum.

Jhon: Aí nesse período de um ano e pouquinho... não caso não.

Lara: Então, poderia afirmar que essa confirmação policial, oficial, é essencial pras notícias de feminicídio do G1? Tipo, sem a confirmação policial, oficial, não dá.

Krys: Olha, porque eu não lembro de ter tido um tal de feminicídio que não teve a confirmação policial, porque normalmente esses casos são bem... de grande destaque, tudo mais. A polícia tem o conhecimento, né? Tipo o que, o que por exemplo, acontece mais esse tipo de coisa que cê tá falando de não ter a confirmação, é sei lá, teve um arrombamento num supermercado. Hoje a gente viu, né? A gente não consegue falar com a polícia, só tem

informação das testemunhas. Ou a gente não dá ou a gente vai atrás do proprietário pra se for uma coisa que realmente vale a pena. Mas, feminicídio eu acho muito difícil não ter a confirmação policial.

Lara: Tem muitos casos de assédio assim também né?

Krys: Aaaah.

Lara: Ah, aí a vítima não fez o B.O. e não tem como.

Krys: Aí é outra história, aí sim. Aí precisaria ou da polícia afirmando que “realmente estamos investigando isso”, ou Ministério Público ou a vítima fazer um registro na polícia pra gente ter tipo, uma coisa mais concreta.

Lara: Mas, essa orientação de fontes oficiais é do gl em si, né? Da, da linha editorial de todo o portal, né?

Krys: É sim.

Lara: Outra impressão que a gente teve, que eu tive, com as respostas, foi que a maioria dos casos eles são uma notícia. Tipo, a gente não volta muito nos casos, entendeu? Tipo, não fica acompanhando como no caso de Júlia. Aí eu queria saber porquê. Assim, é... quais são os critérios, é tipo mais repercussão? Menos repercussão? É tipo, esse caso deu mais cliques, aí a gente vai atrás? Qual, quais são as decisões, exatamente?

Jhon: No... atualmente a gente tá desdobrando muito os casos. Eu não... Difícilmente tem algum que tem ficado como uma única matéria. Eu não me recordo de um agora que tenha parado em uma única matéria. Se tiver algum parado em alguma matéria, em uma única matéria, eu acho que vai ser por carência de informações. Aí eu estou falando em tese, porque eu não estou lembrando de um caso específico. Porque eu não estou lembrando de nenhum caso específico que se enquadre, que se enquadre aí nesse ponto que você colocou. Só se for algum do tipo, com poucas informações e que a gente busque desdobrar e que não consiga

esse desdobramento. Porque coisa do tipo, a mulher foi morta em tal lugar, suspeito... não, não nos dá informação, inicialmente, de quem seria a vítima ou de quem seria o suspeito, enfim, e a no, no andamento da coisa a polícia permanece sem...

Lara: Sem informações.

Jhon: Sem informações; sem nos trazer novas informações. Mas repito, eu tô falando com tese, eu não tô falando de caso concret-, não estou falando de um caso especificamente, porque eu não tô lembrando de algo que a gente tenha parado em alguma matéria. Tem algum recente assim?

Krys: Olha, eu não lembro....

Jhon: Nenhum que a gente tenha... não tenha avançado, sabe?

Lara: É porque assim, é.... as matérias que eu tô analisando são mais específicas da pandemia, de 2020. E muitas das matérias que eu analisei é tipo, “mulher morta, mulher morre” e tal e aí não tem realmente muita informação, não tem nome de suspeito, não tem nome da vítima, é realmente algo muito... e aí realmente não tem como voltar porque... voltar pra esse caso porque isso não tem nome da vida, não tem nada como é que volta?

Krys: Eu, eu acredito, eu não, não vou dizer com certeza, mas eu acredito que a maioria dos casos que param no meio do caminho são do interior, né?

Lara: Uhum.

Krys: Que acaba a gente tendo mais dificuldade pra apurar, mais dificuldade de informação porque a polícia é mais difícil de passar informação e quando é aqui a gente tem o apoio da TV que vai lá, aqui ou em Campinas, o apoio da TV que vai lá na delegacia fica aperreando e tal do que...

Lara: Entendi, então tipo assim, você diria que se tivesse uma equipe maior no interior, por exemplo, teria mais repercussão dos casos que acontecem lá?

Krys: Certeza, eu acredito que sim.

Lara: Inclusive o de Tina né, o da vereadora, eu acho assim só tá tendo tanta repercussão porque o Urso (repórter) fica mandando pra gente as coisas.

Krys: Uhum, isso.

Lara: Ele inclusive que mandou que o suspeito tinha sido preso.

Jhon: Porque em alguns casos no interior a própria polícia vai querer fazer uma divulgação maior e aí esse daí se enquadra né?

Lara: Uhum.

Jhon: Em alguns casos, a própria polícia vai chamar, vai meio que...

Krys: É. A Polícia Civil mandou release.

Jhon: Chamar a imprensa...

Krys: Depois de, depois de a gente ter dado a Polícia Civil mandou release, então a gente teria dado independente de, disso.

Jhon: é porque são casos e casos. Em alguns, aí usando de novo o interior, alguns a polícia vai divulgar mais. Aqui na região de João Pessoa ou na região de Campina Grande, a polícia divulga; faz o trabalho de divulgação melhor.

Lara: Uhum.

Jhon: Com quase todos os casos.

Lara: Outra impressão que eu tive que, eu fico dizendo eu, mas é baseado nas respostas. É que a-a-a foto usada, a maior parte das matérias usam fotos da vítima. Tem algum motivo pra isso? É alguma linha editorial, é alguma escolha...

Krys: Eu acho que é mais difícil a gente conseguir a foto do-do-do suspeito do que da da vítima. E eu acho que a foto da vítima chamou mais atenção pela, tipo, foi essa pessoa que morreu, sabe? Uma matéria sem foto, a gente, por exemplo, tem muito menos chance de chamar atenção do Nacional, pra que eles puxem pra capa e também deem repercussão àquele caso.

Lara: Entendi, então a foto da vítima também é uma... é uma forma de chamar atenção da pauta.

Krys: Sim, com certeza. Eu acho que é muito mais... a gente na matéria de Júlia, a gente está usando uma montagenzinha com a foto dela e dele junto.

Lara: Uhum.

Krys: Juntos não, né? Assim, lado a lado. E... chama muito mais atenção a foto da menina do que se a gente desse só a foto do-do cara, cara aleatório assim.

Lara: Krys, tu poderia falar só brevemente pra eu poder explicar no trabalho o que é a pauta e porque que a gente precisa vender as matérias pra pauta?

Krys: A pauta do g1?

Lara: É.

Krys: A pauta do g1 um é uma equipe é...de jornalistas do g1.. ummm... que eles intermediam as... tudo que a gente, tudo que as afiliadas fazem com a chefia lá de São Paulo.

Então, eles podem pedir pauta pra gente. Tipo: você da Paraíba, você tem um personagem sobre isso? Ou tem algum caso que tá repercutindo aí e a gente quer ou também a gente pode tirar dúvidas e eles é... sobre linha editorial, né? Eles ensinam a gente todo dia e ficam regulando a gente também pra gente se manter na linha editorial do g1. É como... eles são...

Lara: Os editores do g1.

Jhon: É tipo... o um núcleo de edição, chefia de reportagem, núcleo de editores...

Krys: Porque eles ficam mediando esse, essa interação com a gente. É... fiscalizando o que a gente tá fazendo e pedindo coisas pra gente também e é isso assim. E aí se a gente sair um pouco da linha editorial do g1, eles vêm, reclamam, corrigem, pede pra gente repassar pra equipe as orientações.

Lara: Tipo, por exemplo esse caso Júlia teve muita repercussão aqui, mas eu não creio que a pauta não puxou nenhuma vez. Tipo você acha que tem alguma notícia de feminicídio assim que eles puxam mais; alguma característica, não sei, talvez inusitado de um feminicídio que eles puxam mais que o outro...

Krys: Olha...

Jhon: puxaram hoje. Puxaram duas ou três.

Krys: No feriado eles puxaram?

Jhon: Duas, duas ou três matérias foram puxadas. Puxaram uma na... do primeiro depoimento dele, de quando ele au- ele faz a confissão... depoimento não, de quando a polícia construiu o perfil dele, uma matéria que a gente deu depois da coletiva na quinta-feira passada.

Krys: Quinta?

Jhon: Isso, quinta-feira e uma outra hoje com a.. confissão do estupro em novo depoimento. Eles fizeram, puxaram essas duas.

Lara: Mas aí você diria que eles puxam em quais, quais seriam os critérios assim?

Krys: eu acho que quando bombando tipo no Twitter, no Google, as pessoas estão falando sobre aquilo como foi o caso Mariana Tomaz, que a gente tinha dado já, mas eu acho que eles viram a repercussão e começaram a pedir coisa pra gente. Mas eu-uma coisa que eu vejo na capa do g1 e na Globo.com de coisas que eles puzam, feminicídio que eles puxaram, uma coisa essencial é foto. Se não tiver foto da vítima, da vítima, não vai. Não vai ser puxado. Nunca vi.

Lara: Então, essa foto da vítima é o diferente? Assim, um grande diferencial, né? Tem que ter...

Krys: É sim. Pode ser o caso mais absurdo do mundo, mas se não tiver a foto da vítima pra colocar lá na capa, eu acho que... pronto um caso que talvez foi puxado sem foto da vítima foi Dayse. Porque o caso de Deise foi...

Lara: Qual foi esse?

Jhon: Dayse é qual?

Krys: É... “matei Dayse” que o-o cara foi pro motel com a esposa.

Jhon: Ah tá.

Lara: Sim.

Krys: E mandou a mensagem e “matei Dayse”. Aí a gente tinha a foto do-o print da conversa.

Lara: Da mensagem né?

Krys: Aí eu, se eu não me engano, a foto usada nesse caso foi a foto da conversa. Mas também não tenho nem certeza absoluta pra dizer se-se a foto da própria Dyse não foi colocada na matéria; na capa.

Jhon: Mas aí é um caso que a foto da mensagem de fato era mais chamativa.

Krys: É. A história de que ele...

Jhon: Fazer essa confissão de cara.

Krys: É.

Jhon: E a forma como é feita a construção.

Krys: Isso.

Krys: Mas assim é uma, a única exceção também.

Lara: Uhum. É... outra resposta que eu tive é que a grande maioria das matérias, elas não... elas não as vezes não-não falam que foi um feminicídio. Tipo, não usam esse termo não falam tipo “o feminicídio aconteceu aconteceu” blá blá blá e também não cita no final como é que a pessoa pode denunciar;; não tem o número da Polícia Civil; não tem tipo “feminicídio é quando o homem” blá blá blá... não, não explica, entendeu?

Krys: Uhum

Lara: Mas algumas têm, poucas têm, mas algumas não têm. Aí eu queria saber se é uma orientação que vocês dão que, é uma orientação é clara que vocês falam pro repórter pra colocar ou se vocês mesmos colocam ou se fica a critério do repórter... e porque que não é colocado mais vezes.

Krys: É... no caso, como é como denunciar caso de violência, né?

Lara: Isso.

Krys: É... no caso de explicar o que é feminicídio, a gente costuma colocar quando a matéria de balanço. “Tantos feminicídios e tal”, quando a gente faz uma coisa mais geral, a gente explica. É, essa questão de não tipificar imediatamente é porque ainda vai ter uma investigação e pode não ser feminicídio. Então, na maioria das vezes, é principalmente quando a gente coloca logo no título ou no começo que o principal suspeito é o marido e tal. Aí é um caso claro de feminicídio, mas a gente espera a Polícia Civil dizer que está tratando como feminicídio pra, pra colocar. É... e sobre colocar a forma como denunciar, eu não tenho... não tenho orientação nenhuma. Normalmente, fica a critério do repórter e pode ser colocado, não tem nenhuma... não existe uma limitação, “aí não coloca”.

Lara: E a pauta também não orienta sobre isso?

Jhon: Mas... não. Mas em relação a nenhum tipo de crime, nenhum tipo de crime, há uma... há uma de tipo uma orientação de como, veja como denunciar. Acho que é, vez ou outra é colocado, mas não é... não há uma regra pra se colocar. Não só em feminicídios, mas nos outros crimes, em homicídios ou outro tipo.

Lara: Uhum. E como é que se decide fazer tipo, fazer um-uma reportagem de mais profundidade porque eu lembro na pandemia que teve o caso de Pamela Bório que a gente cobriu bastante que foi a grávida morta espancada pelo marido.

Krys: Né Bório não. Bessa.

Lara: Ooooh é (risos)

Krys: (risos)

Jhon: Aí já tá matando...

Lara: *Aloka.*

Jhon: (risos) Os nomes estavam em conflito aqui.

Lara: Pamela Bessa (risos)... a gente voltou algumas vezes, fizeram algumas reportagens tipo falando com a família e tal. E aí como é que isso é decidido?

Krys: É a repercussão.

Lara: É a repercussão?

Krys: É a repercussão do caso, do que a gente está vendo que as pessoas estão falando...

Lara: Entendi.

Krys: Na maioria das vezes.

Lara: Foi, a gente fez algumas reportagens...

Jhon: Sei qual é não.

Lara: Foi de uma uma mulher que estava grávida, o marido espancou, ela morreu, aí ele, ele levou ela pro hospital morta já, disse que ela tinha caído e aí enfim né? Se descobriu, aí ele fugiu e depois foi pego. É...além-

Krys: É, tá foragido ainda?

Lara: Não, é... se eu não me engano, ele foi preso.

Krys: Pronto, foi no Sertão. Já é uma exceção.

Jhon: Aaah, tô ligado.

Krys: Foi um caso que a gente repercutiu muito, a gente fez várias suítes e-e que não era nem de João Pessoa, nem de Campina Grande né?

Lara: É...

Krys: Aí fez a cronologia do crime.

Lara: Isso. Foi. Eu lembro que foi até Bruna. Não, Anne, foi Anne.

Lara: Outra coisa que eu queria falar com vocês é que os repórteres, eu vou botar os repórteres porque foi só Taiguara né que respondeu, falaram que o grande empecilho assim de fazer matérias com mais profundidade, matérias mais humanizadas, assim, seria o tempo, que às vezes se tem muita pressa de publicar. Eu queria saber o quê que vocês acham disso e vocês concordam que às vezes existe alguma pressa publicar ou se vocês acham que fica mais a critério do repórter se ele quer ir atrás ou não; se tem uma orientação clara da-da edição sobre isso, como é que funciona.

Jhon: O tempo sempre acaba sendo um inimigo, né? Na maioria das vezes, mas hoje a gente tá tendo um, tá dando um pouco mais de tempo nessas produções na... A partir do momento que a gente tem um... Horas específicas.

Lara: É porque de fato as matérias que eu selecionei foram só da pandemia, né? E tipo, teve todo...

Jhon: É, era uma outra logística, né? É...

Lara: Não tinha a questão do *user needs*...

Jhon: É e aí eu acho que Krys tem mais competência pra falar do que eu, porque na pandemia eu não estava no g1, no período que você cita, eu estava só no Jornal da Paraíba, né?

Krys: E era?

Jhon: 2020. Parece que foi... Parece que não...

Lara: Já tem tempo... Oh não tem tanto tempo quanto parece.

Krys: Mas a questão é até quando você tá falando?

Lara: 2020.

Jhon: Ela tá falando 2020, só 2020. 2020 eu tava de fato só no Jornal da Paraíba. Realmente era uma outra dinâmica.

Lara: Não, mas eu vou discorrer sobre a linha editorial do g1 como um todo e depois né, dá uma focada aí por isso que eu queria conversar com vocês dois mesmo. É... e outra coisa, aí eu acho que seria mais pra Krys essa pergunta, foi que os repórteres falaram que tipo por conta da pandemia teve o psicológico muito afetado por conta dessas notícias de feminicídio. Aí, eu queria saber a sua impressão sobre isso enquanto editora né? A pessoa que comanda a equipe, como é que você vê assim, essa questão?

Krys: Como assim? Vê o que?

Lara: Essa carga assim mental do-do-do trabalho de ter que cobrir essas violências durante um tempo tão ruim, tipo foi ruim para você também?

Krys: O acúmulo de-de-

Lara: De tragédias.

Krys: De notícia ruins. (risos)

Jhon: A questão de tratar, a questão de ter que se esforçar, tá ali cobrindo, dando um monte de matéria, um monte de tragédia e como é que fica a cabeça diante disso e o medo em cima disso ainda, né?

Lara: É.

Krys: É, infelizmente é um pouco do-do que a gente se inscreveu pra fazer, né? A gente não tem muito como fugir de notícia ruim. Semana passada, inclusive, com esse negócio de julho eu vi que Dani ficou muito mal. Eu tava chorando ali.

Lara: Acho que todo mundo...

Krys: Eu passei o dia com o estômago embrulhado, sem conseguir comer, afeta muito a gente...

Lara: No dia da cobertura que eles entraram na casa do-do, que a gente assistiu-

Krys: Foi horrível.

Lara: Foi horrível.

Krys: E a gente vendo...

Lara: Fiquei o dia todo mal.

Krys: E a gente vendo outras pessoas fazendo jornalismo de uma forma como tão fazendo, né? Que-que eu não sei nem se a gente pode chamar de jornalismo, também deixa a gente pior ainda. Porque por mais que a gente faça o trabalho da gente certinho, tem gente que não tá fazendo e tá causando muita dor por aí. Então, acho que realmente... mas acho que é um pouco do-do que a gente tem que fazer mesmo. Tem que noticiar pra ver se a gente chama atenção das autoridades e da população pra ver se para um pouco né? Pra ver se a gente diminui. Mas, infelizmente...

Lara: Sobre as notícias de feminicídio, especificamente, vocês acham que assim, tem algo que possa fazer pra melhorar, se... Não sei, precisaria acompanhar mais esses casos ou não, cês acham que tão bom, tá ótimo. O que vocês acham? Qual a opinião de vocês?

Krys: Se a gente tiver essa oportunidade de-de conseguir dar mais repercussão é... como a gente tá dando no de Júlia, fazer isso pra todos, seria ótimo. Infelizmente a gente não tem condições de equipe porque é muito caso, a gente teria que fazer sei lá, uma planilha, pra tentar voltar pra eles talvez. Talvez seja uma boa solução, fazer uma planilha pra sair lembrando dos casos e voltar; quem é o delegado...

Lara: Talvez não só de feminicídios, mas nos casos que tiveram grande repercussão.

Jhon: Todos os casos... É, porque a gente acaba...

Lara: Esquecendo né?

Jhon: Acaba focando em alguns e outros... E mesmo o que a gente foca em algum momento vai...

Krys: Vai aparecer outro que vai chamar...

Jhon: É... que vai suplantar.

Krys: Por exemplo, Mariana a gente já parou de dar coisa de Mariana e já tá focando em Júlia.

Jhon: Porque a... tragédias e tragédias né? Não para nunca e casos de feminicídio a todo momento.

Krys: Apesar de que Mariana meio que concluiu né? O cara tá preso...

Jhon: Esperar ele ser...

Lara: Tem que ver como tá as investigações.

Jhon: Esperar ele...

Krys: Ser denunciado.

Jhon: É, ser denunciado.

Krys: Não né? Ele já foi denunciado, já é réu, não?

Jhon: Ele foi indiciado não?

Krys: Eu acho ele foi denunciado.

Jhon: Ah, não, não, não, ele foi denunciado. Foi que até eu fiz confusão porque eu fiz “Ah o MP indiciou”, eu fiz “nao, ele foi denunciado”.

Krys: Ele foi denunciado já, então já tá num, numa coisa que a gente nem tem muito... Só esperar condenação.

Lara: Só pra fechar, uma coisa que eu pensei em perguntar: o g1 Paraíba é o único que faz, ou pelo menos fazia, os levantamentos mensais de feminicídios.

Jhon: Faz ainda.

Lara: Faz né?

Krys: Faz.

Jhon: Inclusive tá pronto aí pra sair.

Lara: Enfim, foi uma escolha nossa? Foi, foi de Dani? Como é que foi isso?

Krys: Foi de Dani.

Lara: Nós somos os únicos né, que faz...eu nunca vi em outro gl.

Krys: Não é uma solicitação do gl. Então assim, se o outros fazem é por iniciativa própria também.

Lara: Eu acho que só a gente faz...

Krys: É, talvez seja. É uma iniciativa de Dani, todo mês ela pede na LAI, assim como nesse mês, do anterior e faz a matéria. Quando ela tá de férias...

Lara: E foi uma ideia dela mesmo?

Krys: Foi. Quando ela entra de férias alguém fica responsável, por pedir mas é sempre ela que faz, todo mês. Foi uma iniciativa dela mesmo.

Jhon: E aí já gera o contexto histórico, total, porque cada fim de mês você vai ter o acompanhamento dele completo, você vai ter dos anos anteriores que vão poder gerar comparações entre anos... Você tem aí um, um, um banco de dados.

Lara: E eu acho que tá desde 2019.

Jhon: Dá pra fazer todo o histórico.

Lara: Tranquilo, acho que é isso gente. Obrigada.

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista nº 2

Entrevistado(a): Daniella Fechine

Data: 22/04

Local: TV Cabo Branco/João Pessoa

Texto:

Lara: Vai ser bem simples. Na verdade eu só queria... É... discutir com vocês alguns dados que eu peguei, e algumas que eu falei com Krys e Jhon e aí eu achei que seria necessário falar com você porque... É... como eu tô estudando feminicídios, o g1 eu acho que é o único das afiliadas, pelo o que eu pesquisei, e daqui que faz esse levantamento mensal do monitor da violência. E aí Krys me falou que foi iniciativa sua, né? Fazer isso. Aí eu queria entender como é que foi que surgiu, por que que você pensou e como é que você faz ele?

Daniella: É... Eu acho que eles... Não sei se nas tuas buscas tu conseguiu identificar a data, mas eu acho que foi 2019, a primeira vez que a gente fez, é... Já tinha... Já tinha a ideia do próprio monitor da violência, então... Eu sabia como é que esses dados eles eram acompanhados dos demais, sem ser... Sem considerar o feminicídio, e... Com o aumento visível do número de casos, eu não tinha isso ainda em números, mas pra mim como aquelas notícias iam crescendo cada vez mais de volume, é... Eu quis que... Esses números ou que esses casos não se tornassem aqueles femini... Aqueles homicídios em que a gente faz uma receita de bolo todos os dias, e é mais uma morte, e a gente... Ninguém mais se choca ou é... Se preocupa com aquela situação. Então, eu não queria que o feminicídio se tornasse mais um homicídio. E aí, uma das formas que eu encontrei, e aí eu sugeri a... Eu acho que era Taiguara na época, não lembro. Sugeri ao editor fazer esse acompanhamento por fora do monitor, é... Mês a mês. Porque o monitor às vezes ele trazia dados de feminicídio, mas era como os dados de mortes por policiais também que trás às vezes em um mês em específico, eles consideravam os feminicídios e aí colocavam isso como destaque. E aí a gente passou a fazer isso mês a mês desde então. Os dados são solicitados pela lei de acesso e informação, é... Tanto dados de feminicídios como de homicídios de mulheres, latrocínios, enfim, outros tipos de crimes também pra gente poder fazer esse tipo de relação, e...Tinha outra pergunta?

Lara: É... Por que além, além de-de documentar esses dados assim...? É, foi algo pessoal seu? Foi...? O que eu queria saber mais assim...

Daniella: Não... É assim.

Lara: Como é que você viu essa necessidade? Tipo, você viu que tava faltando alguma coisa. Como é que você viu que tava faltando?

Daniella: É... Deixa eu tentar explicar direito que... O que eu tô... O que eu pensei talvez eu não tenha dito. É... Os casos de feminicídios, eles sempre me tocaram muito. Eu desenvolvi uma crise de ansiedade, crises de ansiedade, e descobri ansiedade inclusive por causa das notícias de feminicídio. Isso me deixava completamente transtornada em relação às mulheres que vivem comigo. Eu ficava, não atendeu o telefone pra mim já... Algo muito grave já podia ter acontecido em relação a isso. Sempre puxando pra esse lado.

E, é... Com o aumento da-das notícias, talvez não o aumento das notícias, mas como eu passei a cobrir isso com mais frequência, é... eu tinha muito medo de que essas notícias, elas se tornassem muito comuns. Uma mulher morreu, o marido é o suspeito, e pronto. E isso não ficasse... as pessoas não se chocassem com isso, não-não estabelecesse nenhum tipo de, é... discussão a respeito dessas mortes. E aí, é... jornalisticamente falando os números iam contribuir pra gente poder ver é... na-numa lógica estatística se esses casos eles estavam realmente aumentando.

A primeira vez que a gente solicitou esses dados, é... eu queria saber, eu acho que foi na época que estava a discussão do desarmamento. A discussão de que tinha que armar a população e não sei o que. E a primeira vez que eu solicitei esses dados, eu solicitei os números gerais e eu queria saber se essas mortes tinham acontecido por arma de fogo ou arma branca. Porque a ideia era trazer o perigo de ter uma arma dentro de casa. E... aí partir... enfim, os dados nunca chegaram, sobre o tipo de-de arma que foi usada, mas aí desde então a gente começou a fazer com os dados gerais.

E foi a partir disso que a gente conseguiu ver uma evolução, é... desses números, conseguiu ver que os números são subnotificados também, e... enfim, eu acho que, se visualmente parecia que os casos estavam crescendo, numericamente isso ficou mais visível pra gente.

Lara: Quando você diz subnotificado, no caso de chegar pra imprensa?

Daniella: Não, de chegar, é... Da própria delegacia, é... Não ter... Essa investigação muito... Concreta de que é um feminicídio, sabe? Às vezes os dados de um mês pro outro mudam. Toda vez que eu peço um dado de um mês, vem o dado dos meses anteriores que eu já tinha solicitado e às vezes tem alguma alteração, então, às vezes um homicídio passa a ser tratado como feminicídio ou ao contrário.

É-é descartada a relação, é... Próxima da vítima e aí eles tiram de-do feminicídio, entendeu? Então, às vezes, até principalmente no começo. Essa preocupação da polícia de identificar se era um feminicídio ou não, quando a lei foi sancionada, era muito menor. É... enfim, quando a gente já tratava o feminicídio a polícia tratava como crime passional.

Lara: Uhum.

Daniella: Então... Às vezes muitos casos ficam esquecidos.

Lara: Outra coisa que eu queria perguntar Dani, é... Você vê assim depois do monitor da violência, algum tipo de, tirando o monitor, nas notícias gerais mesmo em reportagens, você vê alguma diferença no tratamento do g1 paraíba especificamente, em relação a feminicídios depois que vocês começaram a fazer o monitor, ou ficou mais ou menos a mesma coisa?

Daniella: O monitor que tu diz é a nossa cobertura específica do feminicídio, né? Porque ela não tem nenhuma relação com o monitor mais.

Lara: Sim, sim.

Daniella: É... Eu acho que a gente dá mais atenção. Porque... Acho que a gente sempre deu muita atenção a esses casos porque eles realmente ganham muita repercussão, mas a partir do momento que a gente tem números que comprovam aquela-aquela situação, que comprovam que... É... Em determinado mês houve aumento às vezes mais de cinquenta por cento de casos, é... Quando a gente consegue fazer.. É... ter uma base mais sólida em cima disso, esses casos eles acabam, é... Personificando esses dados, entendeu?

Eu acho que as mulheres, elas deixam de ser os números e passam a contar suas histórias, infelizmente contadas por nós, porque elas não podem mais, enfim... Não podem mais relatar. E... Eu acho que o g1 sempre teve a preocupação de acompanhar esses casos, não ficar só na matéria factual, mas eu a... Eu sinto que... A matéria a-o acompanhamento que a gente faz de números ele é muito isolado da-do restante da produção, sabe?

Lara: Sim.

Daniella: É algo que se tornou rotina, acho que a gente poderia fazer uma matéria mais analítica, mas ele se tornou tão... Acompanhamento puramente estatístico que... Enfim, ele é importante porque ele documenta, mas ele poderia ser melhor. E aí acaba que ele não tem às vezes muita relação com matérias, é... Factuais, a gente acaba utilizando aqueles dados, mas acaba que é... Enfim, eu não acho que essa apuração mudou a forma da gente apurar as-as notícias factuais das mortes dessas mulheres, sabe? Porque eu acho que desde sempre já tinha essa preocupação, de... É... Não...

Enfim, de tá sempre em cima e sempre fazendo a-as repercussões, mas eu acho que... Acho que até pelo fato de que só eu faço, tipo, não tem nenhum... não tem... foi iniciativa minha, nem-nem o editor chegou pra mim pra... é... querer melhorar ou algo assim, tudo é porque, enfim, é como se fosse um-um produto meu e que ninguém quer interferir, sabe? Sei lá, ninguém quer... é... não sei ou não observa que precisa de melhorias.

Lara: Uhum.

Daniella: Eu acho que precisa. Eu acho que deveria ser sempre uma matéria analítica.

Lara: Mas, você acha que tipo...

Daniella: Mas, eu acho que a rotina da gente não permite às vezes que a gente faça isso.

Lara: Você acha que é uma questão de rotina de produção mesmo, assim, né? Falta de tempo.

Daniella: Aí o que é que eu penso? É melhor publicar, é melhor fazer com o básico do que não ter a matéria. Aí quando é... São números mais importantes, tipo, seis meses, um ano, aí a gente tenta fazer uma coisa mais analítica, mas na rotina do dia a dia, às vezes até porque precisa deixar salvo pro fim de semana, porque o fim de semana tá sem matéria. Então, tem feminicídios. Então, vamos colocar.

Então, é até contraditório, porque se o objetivo era fazer com que essas matérias factuais não se tornassem uma receita de bolo, a matéria do-das estatísticas se tornou uma receita de bolo. Mas, ela não deixa de ser importante porque de certa forma ela é um material de consulta também.

Lara: É, e é um dado produzido pelo próprio g1, né?

Daniella: Exatamente.

Lara: Outra coisa que eu queria perguntar, e aí, acho que veio no que você tava falando, é que no formulário, assim, acho que foi unânime, que...

Daniella: Eu vou responder ainda... (inaudível)

Lara: Tudo bem.

Daniella: Mas, eu vou responder.

Lara: Que... Uma das perguntas foi que algumas matérias trazem o que é um feminicídio e como denunciar. E outras não trazem. E aí, eu perguntei se... É, os repórteres foram, são

orientados ou se os editores orientam em relação a isso. E a resposta unânime foi não, que não existe orientação, que fica meio a critério do repórter. Eu queria saber o que que você acha disso e se você insere ou não nas suas matérias, se você tenta...?

Daniella: Eu insiro em matérias especiais. A-a... O conceito de feminicídio eu coloco em todas as matérias de estatística e eu comecei... Ele não tá lá desde o... Desde a primeira vez eu acho, eu comecei a colocar porque eu comecei a perceber, a perceber não, porque eu não tenho essa troca com o leitor, mas, e eu... Em determinado momento me veio a dúvida se as pessoas sabiam o que era o feminicídio. E desde quando aquilo ali existia aqui.

O como denunciar é... eu acho que às vezes não entra por ser uma coisa muito manjada, mas infelizmente é necessário, e eu acho que deveria realmente ter. Eu não coloco em todas as matérias, coloco em matérias especiais e sempre finalizando a matéria.

Lara: Mas essa orientação também não é clara.

Daniella: Não existe nenhum tipo de orientação.

Lara: Fica a seu critério.

Daniella: É.

Lara: Você acha que precisaria, na sua opinião, de uma orientação editorial?

Daniella: Com certeza. Com certeza. É a mesma coisa que eu tava te falando em relação a melhoria da própria... É... Da própria apuração estatística do caso, não existe nenhum tipo de acompanhamento, por parte da editoria, é... Do gl. E... em relação as, a-o como denunciar e enfim outras questões que poderiam... que poderiam ser-ser úteis, acho que falta e eu acho que vai continuar faltando.

Lara: Como é que você vê o-o monitor da violência de feminicídios em relação a cobertura de feminicídios dos outros portais, aqui? Qual é o contraste que você observa?

Daniella: Então, eu acho que os outros portais só se... Só atentam pra isso quando casos muito graves acontecem. Casos que se tornam realmente casos e aquilo ali passa a ser acompanhado com frequência. É... É muito... Os portais daqui eles são muito mais, é... Factuais do que o g1, né? Inclusive, o g1 tem trabalhado cada vez mais pra diminuir essa quantidade de factuais. Então, a dedicação que esses... Que os outros portais têm com os casos é muito menor, é muito mais policial do que social.

Então, acho que é uma questão do g1 que tá completamente fora da curva em relação aos outros portais. É... Às vezes quando acontece um caso desse de grande relevância alguns portais, e aí eu acho que não são nem os portais, são os repórteres que são um pouco fora da curva lá dentro dessas empresas, solicitam dados referentes àquele tipo de violência, mas pra fazer acompanhamento, só em datas comemorativas, eu acho.

Lara: E o que que você acha que poderia melhorar, assim, além da questão de ter uma orientação mais clara e mais tempo? Assim, como é que seria o acompanhamento ideal, assim, se você pudesse.

Daniella: Eu acho que teria que ter alguém cem por cento dedicado a isso.

Lara: Uma editoria?

Daniella: Não necessariamente uma editoria, mas um repórter. Não só dedicado a... A feminicídio, mas questão é... De violência contra a mulher, violência, enfim, é... Eu não vou nem colocar crianças, mas é... Pessoas em situação de vulnerabilidade. E, que isso pudesse ser acompanhado com mais frequência, sabe? Porque até, até o acompanhamento dos casos, às vezes a gente perde porque a gente tá, é... Preso em outra coisa.

Então... É... Além da orientação que eu acho que deveria ter, é... O fato de não ter orientação acaba, é... Tendo como consequência uma falta de cuidado também com determinadas matérias, e com determinados casos também. E... Eu acho que se tivesse uma pessoa exclusiva pra fazer isso, eu acho que a gente daria a devida importância, sabe?

Porque eu acho que vai chegar um momento que... Não... A gente não vai ter mais o que fazer em relação a... Fazer com que esses casos sejam, é... Sejam um destaque, não sejam só mais um homicídio, eu acho que vai-vai chegar um momento em que eles vão se tornar comuns.

Lara: Sim.

Daniella: Porque... Acho que a... Enfim, se a gente, se a gente faz isso e a gente não se choca mais com esse tipo de informação, os outros portais, eles estão em número muito maior. Então... Acho que é só uma questão de tempo.

Lara: Queria discutir mais duas especificidades das notícias do feminicídio no gl. Uma é que tanto foi percebido por mim quanto foi nas respostas, é que acho que todo mundo concorda unanimemente que as fontes mais ouvidas são fontes policiais. Queria saber o que é que você acha disso? Se você acha que deveria ser assim mesmo, apenas fontes policiais ou na sua grande maioria fontes policiais? Se você acha que a gente deveria ouvir mais outras pessoas, outros tipos de fontes, queria saber sua opinião sobre isso.

Daniella: É... Isso... Quando tu fala nessas matérias, são as matérias dos casos e tal, né? Matérias de-das situações. Eu acho que as fontes policiais são fundamentais porque elas vão contar o, como o crime aconteceu, é... Naquele momento, mas eu acho que quando a gente fala de feminicídio a gente fala muito da relação da vítima com o suspeito. Então, ouvir família neste momento é complicado, mas se tem alguém falando sobre esse, sobre essa relação, acho que é muito importante.

É, a nossa rotina não permite que a gente entreviste um número de pessoas muito grande pra uma matéria factual, porque isso é, é algo que precisa ser publicado de imediato. Mas como a gente faz muitas suítes sobre o caso, os casos, é... Eu acho que... a TV faz muito isso inclusive de entrevistar psicólogos, de entrevistar, é... Enfim, o próprio como denunciar que você falou, é... Que tipo de ajuda procurar, eu acho que isso é muito importante e a gente não

faz, é... Não tem como a gente fazer sempre também pra não ficar repetitivo, mas eu acho que são tipos de entrevistas que poderiam estar dentro de suítes.

As matérias dos casos realmente eu acho complicado. Eu acho que a polícia, é... é a fonte principal pra isso. Que ainda é complicado porque, por exemplo, a gente sempre tinha muita preocupação em, a gente tem ainda muita preocupação de identificar qual é o tipo de relação da vítima com o suspeito.

Lara: Uhum.

Daniella: Porque a polícia adora tratar como companheiro. E aí, um-um, um certo caso eu cheguei numa discussão com Taiguara, a gente se questionou, se... É mesmo, é mesmo correto, não correto do ponto de vista jornalístico, mas do ponto de vista da relação, dizer que o companheiro é suspeito do crime, porque ele não tava sendo companheiro.

Lara: Uhum.

Daniella: Ela chamar de companheiro talvez tudo bem, não houvesse problema, mas chamar de companheiro é um problema. Porque não, de certa forma é um tratamento carinhoso. Aí... A gente parou inclusive de colocar isso. Só que, aí é que entra mais uma questão daquela de- do que a gente tava falando de orientação. Essa orientação, ela não foi repassada pra toda a equipe.

Lara: Não.

Daniella: Foi uma discussão que ficou entre eu e Taiguara. E ficou aí...

Lara: Mas é até uma discussão do próprio feminicídio em si, porque tipo, pela lei precisa ser alguém ou próximo da família ou com vínculo, né? Mas assim, na minha opinião, assim enquanto feminista, pessoa que estuda gênero, qualquer assassinato de um homem que mata uma mulher é feminicídio. Aí já... Já é um crime de gênero, se é um homem matando uma mulher já é um crime de gênero.

Daniella: É porque a lei é bem limitada mesmo... (inaudível)

Lara: E até a gente fica com receio de falar, de tratar feminicídio, tipo, eu trato feminicídio, quando é, quando o suspeito é marido eu sempre coloco que é feminicídio. Mas se a polícia não fala, você fica com... Até com receio de colocar.

Daniella: E era o que eu tava te falando, no começo, é... Da lei, no começo que eu digo é algum tempo depois, inclusive, porque eu comecei no g1 em 2017, dois anos depois, né? A polícia continuava a tratar como crime passionai, os nossos repórteres tratavam como crime passionai. Então, é uma educação que ela ainda tá em andamento.

Lara: É.

Daniella: Se a gente tem esse... Esse impasse, a polícia tá no mesmo caminho. E aí, como ela é o nosso ponto, ela é nossa fonte principal, como é que a gente faz, né? É, é nesse momento que a gente tem que tomar algumas decisões, e é por isso que a família também é importante, porque a família vai dizer a relação que ela tinha com... Com o suspeito. E aí eu acho, eu acho realmente muito importante a gente colocar se é marido, se é namorado, se é conhecido, se é vizinho, porque dizer que é companheiro é muito vago e eu acho que é um problema também.

Lara: Outra especificidade que eu queria falar com você e que inclusive Krys... Krys falou e me chamou a atenção. É que a grande maioria das fotos usadas nessas matérias de feminicídio são fotos da vítima. E Krys falou que a foto da vítima é um diferencial pra ser puxado pela pauta do g1.

Aí eu queria saber também, você como jornalista e, e como estudante de gênero, assim, o que é que você acha sobre esse uso da foto da vítima, se você concorda, se não concorda, se você prefere botar a foto do suspeito, se no monitor da violência você utiliza foto das vítimas, como é essa relação com foto em si?

Daniella: É... Eu acho que a foto é importante pra dar um rosto pra aquele caso. Porque a gente deixa muito nos números ou na própria, na própria, é... Enfim, no crime em si e eu acho que a foto, ela dá mais importância àquela situação. Eu nunca parei pra pensar, é... me questionar na hora de publicar uma matéria, se eu coloco a foto do suspeito ou a foto da vítima. Realmente nunca parei. Quando a gente tem a foto do suspeito a gente sempre coloca.

Porque... Aí ela já vai, já vai em outro entendimento. É... já não é pra, mais pra dar importância aquele, aquele caso, porque aquele caso já tem um rosto, ele já é um caso.

Mas a foto dele, é... Eu acho que dá um peso maior de que... Pra o próprio feminicídio em si, de dizer que é um feminicídio, sabe? Não sei se... Por conta da exposição, ou enfim. Mas por exemplo, eu não sabia que... Pro, pro g1 nacional isso era importante.

Lara: Eu também não. Quando Krys falou eu, eu falei “não, mas realmente... foto de feminicídio eles só puxam se tiver a foto da vítima”.

Daniella: No moni... No acompanhamento mensal eu não coloco. Eu sempre coloco arte ou alguma foto genérica, enfim, algo que ilustre o feminicídio, mas só coloco foto da vítima se dentro da matéria, a gente for lembrar algum caso que aconteceu no mês, mas mesmo assim ela vai tá dentro da matéria, não vai tá abrindo a matéria.

Lara: Uhum. É, Dani eu acho que a última pergunta que eu queria fazer era especificamente sobre o período de pandemia que a gente teve isolado, de home office. Eu queria saber... e a gente viu esse número de feminicídios crescer bastante, 2020. Eu queria saber se teve alguma especificidade da pandemia, alguma coisa em 2020, algum caso específico que te afetou em relação a cobertura de feminicídios nesse período pandêmico, especificamente.

Daniella: Eu não vou lembrar.

Lara: Mas pode ser não a sua resposta também.

Daniella: É porque se eu não lembro não... Não ficou. É... Mas foi um período que eu fiquei bastante preocupada enquanto mulher. E foi bem difícil porque pra você buscar as informações naquele momento tava, era bem complicado, mas a gente conseguiu fazer o acompanhamento, achei até que a gente pudesse ter algum problema, é... Nos dados, em obter os dados, mas deu certo, e... É, eu realmente não vou lembrar não se tiver algum caso que... Não sei se Pâmela foi nessa época.

Lara: Foi, foi.

Daniella: Ah! Teve um caso.

Lara: O de Pâmela?

Daniella: Não. Eu não lembro nem o nome dela.

Lara: Qual?

Daniella: É... Não foi aqui, foi em outra cidade do... Acho que foi em alguma cidade do interior. Ela morava com o cara... (inaudível) Ela morava com o cara, já tinha sofrido violência, tinha terminado o relacionamento, terminou o relacionamento, voltou pra casa e disse a mulher que... É, enfim, não, terminou o relacionamento não, tiveram uma discussão, ela saiu de casa e disse pra uma amiga que no dia seguinte ia pra delegacia denunciar ele. Aí de noite ele entrou na casa dela pelo telhado e matou ela.

Aí a gente até puxou algumas matérias pelo diálogo dela com a amiga, porque foi por telefone. A TV conseguiu até o áudio.

Lara: Quer falar um pouco sobre como essa cobertura te afeta pessoalmente? Se sente confortável?

Daniella: Como eu te falei no começo, eu descobri que eu tinha ansiedade por causa do, do acompanhamento dos casos, e eu acho que a gente que vive, acho que as pessoas que assistem, que veem, leem as matérias, elas ficam chocadas, elas ficam... Aquilo ali fica na

cabeça por um tempo, mas eu acho que é a gente que acompanha isso... Dia a dia é muito pior, porque a gente vê coisas que a gente não publica e... É... a gente vê jeitos de falar, cenas que, enfim, eu acho, eu costumo dizer que a gente não, nada mais, nada mais me surpreende, nenhum tipo de morte me surpreende mais. O jeito que a pessoa morreu, nada mais me surpreende. É tanto que quando alguém desaparece a gente já, já fica com aquele pé atrás de que é, enfim, algo nesse sentido que aconteceu.

Mas ainda, ainda, acho que a gente ainda sente, sabe? E eu acho que é bom, eu acho assim, bom que a gente sinta, porque enquanto a gente sentir é porque isso ainda é um problema. Sempre vai ser um problema, mas isso ainda é algo que não normalizou ainda. E... enfim, eu já, já tive crises por causa disso, de não confiar nas pessoas, nos homens. Que tinham relações próximas com minha família, minha mãe e minha irmã, só tenho mulheres ao meu redor, na minha família, e foi a partir de uma situação dessa, que eu... Se você quiser eu até digo caso, foi aquele, aquela situação da... Do marido que matou a mulher na frente da concessionária e depois se matou.

Lara: Sim.

Daniella: Da mustang.

Lara: Lembro.

Daniella: É... E foi a partir daí, foi a partir desse dia. Tive um surto total. Eu fui procurar psicólogo, fui procurar, procurar psiquiatra e tal. E, não, não tive mais problemas físicos, assim, de ter crises depois disso. Mas eu fico muito abalada. Eu fico muito mal, é... Dá um desengano, dá um.. Dá uma desesperança.

Lara: Você precisou dar um tempo? Assim.

Daniella: Não dei. Porque, eu acho que era melhor eu fazer do que...

Lara: Não fazer.

Daniella: Não fazer, e do que André fazer ou Diogo fazer.

Lara: Naquela época era só vocês, não era? Vocês três?

Daniella: É.

Lara: E o estagiário.

Daniella: Era. Tinha em Campina, mas eu acho, nem lembro quem era em Campina, mas enfim, essas coisas sempre giram no núcleo de João Pessoa, né? E aí realmente eu achava que era melhor uma mulher fazer. Eu acho que também não passou pela minha cabeça, não fazer, não, parar de fazer, sabe? Acho que me tratar em relação a isso era este o trabalho. E, é isso. Eu acho que a gente vai tentando no dia a dia se acostumar com a situação de que isso vai acontecer com algumas mulheres. Mas, acho que a gente não consegue controlar o fato de não se afetar com isso.

Lara: Uhum.

Daniella: Principalmente porque, enfim, somos mulheres e aquilo ali pode acontecer com qualquer pessoa próxima a nós. E eu acho que o se afetar pra gente enquanto jornalista é importante justamente pra gente não normalizar.

Lara: Sim. Quer dizer alguma coisa mais? Tá melhor? Você tá melhor em relação a esse tipo de cobertura? Você lida melhor com isso hoje?

Daniella: Então, eu achava que eu lidava, até Júlia.

Lara: É que esse caso de Júlia foi... Acho que todo mundo... Porque foi um mix do caso em si ser chocante, mas a cobertura também é... A forma que estavam tratando me deixou muito...

Daniella: Justamente. Pode ter sido isso, é, é como eu tava te falando a gente vê coisas que as pessoas não veem, ou não vêem da forma que a gente vê. Porque aí a gente vê a Arapuã fazendo uma coisa, aí lá em cima tá a Tambaú, aí chega gente da rua dizendo outra coisa, eu acho que... Não sei, eu fiquei com, todas as minhas forças foram sugadas naquele dia de Júlia.

E até aquele momento eu achei que os casos de feminicídios não, não me chocavam mais como me chocou quando eu tive a minha primeira crise de ansiedade, sabe? Mas o de Júlia... E assim, eu, e eu ainda fiquei me questionando sobre isso na, no dia porque o caso de Júlia era o caso que a gente já esperava, que seria o padrasto dela.

E não é um caso incomum, não é algo que... Não foi uma coisa completamente absurda, assim, é, como Vivianny Crisley por exemplo, que foi uma coisa macabra. Não foi.

Lara: Mas quando ela sumiu e aí começou já o rolê do padrasto, até Luana falou “acho que foi o padrasto” eu falei “eu acho que também foi” tipo, já tava todo mundo meio, só que teve alguma coisa sobre como se desenrolou. Eu acho que foi como se desenrolou.

Daniella: Eu acho que foi toda a mentira que ele criou, sabe? Em cima daquilo ali e, e... Não sei, acho que quando, eu acho que quando o homem tenta passar, se mostrar de vítima numa situação dessa dá mais raiva, sabe? Pra gente que tá, que tá de fora, enfim, era uma criança, né? E, e foi só piorando porque depois descobriu a questão do estupro e tal. Mas aí é isso. Eu acho que a gente nunca vai tá cem por cento fria em relação a isso, sabe? Porque é, é, é sobre a gente também.

Lara: Sim.

Daniella: Também é sobre as nossas rotinas, sobre as nossas relações. Até que ponto eu posso confiar no homem? Até que, enfim, é... Não sei, é como se qualquer homem que tivesse na nossa relação, tivesse pelo menos um motivo... (inaudível)

Lara: Mas é, né? Quando dizem que, que todo homem é um agressor em potencial, a gente não quer dizer que “nossa, todo homem vai me bater”. Não, mas todo homem tem uma relação de poder acima de mim.

Daniella: É, historicamente né?

Lara: Historicamente.

APÊNDICE C

1 - Matérias coletadas sobre o termo *mulher é morta*.

Mulher é morta a tiros dentro de carro após suposta reação a assalto, em Campina Grande. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/06/04/mulher-e-morta-a-tiros-dentro-de-carro-apos-suposta-reacao-a-assalto-em-campina-grande.ghtml>>.

Caso de mulher morta em pousada, na PB, é investigado como feminicídio, diz polícia. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/20/suspeito-de-matar-mulher-em-pousada-na-pb-era-companheiro-da-vitima-diz-policia.ghtml>>.

Mulher é morta a facadas em Pilar, na PB; principal suspeito é ex-companheiro. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/04/mulher-e-morta-a-facadas-em-pilar-na-pb-principal-suspeito-e-ex-companheiro.ghtml>>.

Mulher é encontrada morta em apartamento e companheiro é suspeito do crime, em João Pessoa. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/08/12/mulher-e-encontra-morta-em-apartamento-e-companheiro-e-suspeito-do-crime-em-joao-pessoa.ghtml>>.

Mulher é morta em bar após cliente reclamar de troco de R\$ 0,50 em pirulitos, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/24/mulher-morre-apos-cliente-reclamar-de-troco-em-bar-em-patos-sertao-da-paraiba.ghtml>>.

Mulher é encontrada morta a pedradas em São Bento, no Sertão da Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/16/mulher-e-encontrada-morta-a-pedradas-em-sao-bento-no-sertao-da-paraiba.ghtml>>.

Mulher é encontrada morta em Santa Rita, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/09/28/mulher-e-encontrada-morta-em-santa-rita-na-paraiba.ghtml>>.

Mulher é encontrada morta a tiros dentro da própria casa, em Jericó, PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/09/02/mulher-e-encontrada-morta-a-tiros-dentro-da-propria-casa-em-jerico-pb.ghtml>>.

Moradora de rua é encontrada morta em colchão na Praça da Paz, em João Pessoa. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/17/moradora-de-rua-e-encontrada-morta-em-colchao-na-praca-da-paz-em-joao-pessoa.ghtml>>.

em-colchao-na-praca-da-paz-em-joao-pessoa.ghtml>.

Mulher é morta a facadas e ex-companheiro dela é preso, em Solânea, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/09/09/mulher-e-morta-a-facadas-e-ex-companheiro-dela-e-preso-em-solanea-na-paraiba.ghtml>>.

2 - Matérias coletadas sobre o termo *mulher morre*.

Mulher é morta em bar após cliente reclamar de troco de R\$ 0,50 em pirulitos, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/24/mulher-morre-apos-cliente-reclamar-de-troco-em-bar-em-patos-sertao-da-paraiba.ghtml>>.

Mulher morre com suspeita de Covid-19, em hospital de Patos, PB, diz secretário. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/20/mulher-morre-com-suspeita-de-covid-19-em-hospital-de-patos-pb-diz-secretario.ghtml>>.

Mulher com suspeita de coronavírus morre em João Pessoa, diz secretaria. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/18/mulher-com-suspeita-de-coronavirus-morre-em-joao-pessoa-diz-secretaria.ghtml>>.

Mulher é morta a tiros dentro de carro após suposta reação a assalto, em Campina Grande. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/06/04/mulher-e-morta-a-tiros-dentro-de-carro-apos-suposta-reacao-a-assalto-em-campina-grande.ghtml>>.

Mulher morre por Covid-19 e seis pessoas da família testam positivo, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/14/mulher-morre-por-covid-19-e-seis-pessoas-da-familia-testam-positivo-na-paraiba.ghtml>>.

Mulher morre após acidente de moto, em Cajazeiras, Sertão da Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/16/mulher-morre-apos-acidente-de-moto-em-cajazeiras-sertao-da-paraiba.ghtml>>.

Mulher morre após ser arremessada de carro durante acidente em rodovia, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/20/mulher-morre-apos-ser-arremessada-de-carro-durante-acidente-em-rodovia-na-paraiba.ghtml>>.

Mulher morre e irmão fica ferido após colisão de moto com cavalo, em Campina Grande. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/22/mulher-morre-e-irmao-fica-ferido-apos-colisao-de-moto-com-cavalo-em-campina-grande.ghtml>>.

Mulher morre após sofrer descarga elétrica usando máquina de lavar roupa, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/06/12/mulher-morre-apos-sofrer-descarga-elétrica-usando-maquina-de-lavar-roupa-na-paraiba.ghtml>>.

Mulher é encontrada morta a pedradas em São Bento, no Sertão da Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/16/mulher-e-encontrada-morta-a-pedrada-s-em-sao-bento-no-sertao-da-paraiba.ghtml>>.

3 - Matérias coletadas sobre o termo *feminicídio*.

Em onze meses, 35% dos casos de mulheres mortas na Paraíba são investigados como feminicídios. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/20/em-onze-meses-35percent-dos-casos-de-mulheres-mortas-na-paraiba-sao-investigados-como-feminicidios.ghtmls>>.

PB registra 3 feminicídios em outubro; número é 37,5% dos assassinatos de mulheres no mês.

g1 Paraíba. 2020. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/22/pb-registra-3-feminicidios-em-outubro-numero-e-375percent-dos-assassinatos-de-mulheres-no-mes.ghtml>>.

Pelo menos nove casos de violência contra a mulher são registrados em uma semana, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/08/16/pelo-menos-nove-casos-de-violencia-contra-a-mulher-sao-registrados-em-uma-semana-na-paraiba.ghtml>>.

Monitor da Violência: em cinco anos, 2019 tem maior número de feminicídios na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/05/monitor-da-violencia-em-cinco-anos-2019-tem-maior-numero-de-feminicidios-na-paraiba.ghtml>>.

Caso de mulher morta em pousada, na PB, é investigado como feminicídio, diz polícia. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/20/suspeito-de-matar-mulher-em-pousada-na-pb-era-companheiro-da-vitima-diz-policia.ghtml>>.

Mulher é baleada na cabeça e polícia suspeita de tentativa de feminicídio, em Mari, PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/08/10/mulher-e-baleada-na-cabeca-e-suspeita-e-de-tentativa-de-feminicidio-em-mari-na-pb.ghtml>>.

SUÊNIA, Anne. Suspeito de espancar e matar esposa grávida na PB continua foragido um mês após feminicídio. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/10/07/suspeito-de-espancar-e-matar-esposa-gravida-na-pb-continua-foragido-um-mes-apos-feminicidio.ghtml>>.

Após laudo, marido é procurado por matar grávida, na PB: 'Frieza fora do comum', diz delegado. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/09/15/apos-laudo-marido-e-procurado-por-matar-gravida-na-pb-frieza-fora-do-comum-diz-delegado.ghtml>>.

Adolescente é morta com tiro na cabeça e ex-namorado é principal suspeito, na PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/29/adolescente-e-morta-com-tiro-na-cabe-ca-e-ex-namorado-e-principal-suspeito-na-pb.ghtml>>.

FECHINE, Dani. Número de denúncias de violência contra a mulher aumenta mais de 100% no isolamento social, na PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/24/numero-de-denuncias-de-violencia-contra-a-mulher-aumenta-mais-de-100percent-no-isolamento-social-na-pb.ghtml>>.

4 - Matérias coletadas sobre o termo *assassinada*.

Ex-namorado de modelo assassinada chega na Paraíba após ser preso na BA. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/23/ex-namorado-de-modelo-assassinada-na-paraiba-chega-em-joao-pessoa-apos-ser-preso-na-ba.ghtml>>.

Adolescente é morta com tiro na cabeça e ex-namorado é principal suspeito, na PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/29/adolescente-e-morta-com-tiro-na-cabe-ca-e-ex-namorado-e-principal-suspeito-na-pb.ghtml>>.

Ex-namorado de modelo assassinada não aceitava fim da relação e ameaçou vítima. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/21/ex-namorado-de-modelo-assassinada-nao-aceitava-fim-da-relacao-e-ameacou-vitima.ghtml>>.

Jovem é morta a tiros em Queimadas, na PB; principal suspeito é o ex-namorado da vítima. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/27/jovem-e-morta-a-tiros-em-queimadas-na-pb-principal-suspeito-e-o-ex-namorado-da-vitima.ghtml>>.

Mulher é encontrada morta em terreno, em Campina Grande. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/23/mulher-e-encontrada-morta-em-campina-grande-e-policia-suspeita-de-estupro.ghtml>>.

Adolescente é morta a facadas e suspeito do crime é ex-namorado, em Zabelê, PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/08/10/adolescente-e-morta-a-facadas-e-suspeito-do-crime-e-ex-namorado-em-zabele-pb.ghtml>>.

Mulher é assassinada em Boqueirão e suspeito é o pai da vítima, na PB. G1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/30/mulher-e-assassinada-em-boqueirao-e-suspeito-e-o-pai-da-vitima-na-pb.ghtml>>.

Jovem é achada morta dentro de casa em Monteiro e namorado é principal suspeito, diz polícia. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/19/jovem-e-achada-morta-dentro-de-casa-em-monteiro-e-namorado-e-principal-suspeito-diz-policia.ghtml>>.

Suspeito de matar ex-companheira a facadas em Itatuba, PB, é preso. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/30/suspeito-de-matar-ex-companheira-a-facadas-em-itatuba-pb-e-preso.ghtml>>.

Mulher é morta com mais de 10 tiros em Bayeux, na PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/08/25/mulher-e-morta-com-mais-de-10-tiros-em-bayeux-na-pb.ghtml>>.

5 - Matérias coletadas sobre o termo *jovem é morta*.

Jovem é achada morta dentro de casa em Monteiro e namorado é principal suspeito, diz polícia. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/19/jovem-e-achada-morta-dentro-de-casa-em-monteiro-e-namorado-e-principal-suspeito-diz-policia.ghtml>>.

Adolescente é morta com tiro na cabeça e ex-namorado é principal suspeito, na PB. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/29/adolescente-e-morta-com-tiro-na-cabeça-e-ex-namorado-e-principal-suspeito-na-pb.ghtml>>.

Jovem é morta a tiros em Queimadas, na PB; principal suspeito é o ex-namorado da vítima. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/27/jovem-e-morta-a-tiros-em-queimadas-na-pb-principal-suspeito-e-o-ex-namorado-da-vitima.ghtml>>.

Jovem é morta a facadas em Gurinhém, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/18/jovem-e-morta-a-facadas-em-gurinhem-na-paraiba.ghtml>>.

Jovem é morta com golpes de faca em Itatuba, PB, e suspeito é ex-companheiro. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/30/jovem-e-esfaqueada-em-itatuba-pb-e-suspeito-e-ex-companheiro.ghtml>>.

Corpo de jovem é encontrado com pernas quebradas às margens da BR-230, na PB. g1 Paraíba. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/05/corpo-de-jovem-e-encontrado-com-pernas-quebradas-as-margens-da-br-230-na-pb.ghtml>>.

Jovem é preso suspeito de matar ex-namorada com tiro na cabeça, na Paraíba. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/10/20/jovem-e-preso-suspeito-de-matar-ex-namorada-com-tiro-na-cabeca-na-paraiba.ghtml>>.

Jovem confessa que matou adolescente a facadas na PB devido ao fim do namoro, diz delegado. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/08/11/jovem-confessa-que-matou-adolescente-a-facadas-na-pb-devido-ao-fim-do-namoro-diz-delegado.ghtml>>.

Ex-namorado de modelo assassinada chega na Paraíba após ser preso na BA. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/12/23/ex-namorado-de-modelo-assassinada-na-paraiba-chega-em-joao-pessoa-apos-ser-preso-na-ba.ghtml>>.

Homem confessa participação na morte de adolescente achada em praia de Cabedelo, PB, diz polícia. g1 Paraíba. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/26/homem-confessa-participacao-na-morte-de-adolescente-achada-em-praia-de-cabedelo-pb-diz-policia.ghtml>>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Lora de Oliveira Brito

Matrícula: 20140048611

Título do Trabalho:

Violência pandêmica: um estudo sobre as notícias de feminicídios durante a Covid-19

Professor (a) orientador

(a): Sandra Rafael dos Santos Aguiar

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 28 de junho de 2022

Lora O. Brito

Assinatura do (a) discente



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu,

Lara de Oliveira Brito

_____, aluno (a) regularmente matriculado (a) no Curso de Radialismo, matrícula 20140018611, na disciplina TCE II, assumo total responsabilidade sobre o Trabalho de Conclusão de Curso de minha autoria e autorizo sua divulgação na web, assim como seu armazenamento na forma que dispuser a UFPB.

João Pessoa, 28 de junho de 2022.

Lara O. Brito

Assinatura do (a) discente